
Crónica de onomástica paleo-hispânica (18)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Apresentamos uma nova crónica destinada em grande medida a complementar bibliograficamente alguns dos recentes estudos que, de um modo mais ou menos aprofundado, versam sobre a antroponímia ibérica. Também tentamos abrir novas perspectivas de estudo de determinados NNP, até agora considerados ibéricos ou turdetanos, que julgamos passíveis de ser enquadrados na antroponímia céltica continental ou genericamente indo-europeia.

A B S T R A C T

This paper reviews and discusses various studies, mostly published in the last few years, which somehow deal with Iberian personal names. Bibliographic thoroughness is once again our main concern. We also pay attention to certain personal names, until now considered of either Iberian or Turdetanian origin, which may be defined as belonging either to Continental Celtic or, generally speaking, to Indo-European.

abarcis. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Girona). *MLH* III 2 C.4.1.

Trata-se obviamente de um NP completo, segmentável em **abar-cis** (Pérez Orozco, 1993a, p. 62; Faria, 1995a, p. 323, 1998, p. 237, 2000a, p. 121, 2003a, p. 313, 2004a, p. 294, 2008 [2009], p. 145), não havendo o mais ténue indício de que **-cis** possa corresponder a uma sequência de sufixos, uma hipótese que Orduña (2006, pp. 93–94) não deixou de colocar, apesar de a considerar improvável. Recentemente, Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 87, n. 58) secundou a divisão de **abarcis** em **abar-cis**, mas, ao contrário do que é hábito nele, não mencionou a bibliografia prévia. Por seu lado, Pérez Orozco (2007, p. 96), o pioneiro da segmentação **abar-cis**, passou a sustentar a análise de **abarcis** como versão haplológica de **ab(ar)arcis**. Em todo o caso, se houvesse lugar a alguma haplologia — uma teoria lançada por Untermann (*MLH* III 1, p. 209) que contrariámos por várias vezes com argumentos até hoje por rebater —, a síncope afectaria em princípio a primeira sílaba do alegado segundo componente: **abar(ar)cis**.

Ainda que bem menos verosímil, importa equacionar uma segunda hipótese de análise, que consistiria em entender **abarcis** como um NP céltico de tema em *-i* — **Amarcis* —, formado pela base *amarco-* (Delamarre, 2007, p. 210) e, eventualmente, pelo sufixo de grau comparativo *-is*, a que aludiremos *infra* (p. 154) a propósito da sua possível comparência noutros NNP.

abuloraun. Mosaico. **Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991–1992, pp. 365–357; *MLH* IV K.28.1.

Já perdemos a conta ao número de investigadores que, fazendo tábua rasa da pontuação colocada neste famoso texto musivo, se propuseram sectionar de um modo arbitrário **abuloraune** em **abulo-raune** apenas porque a sequência **abulo** coincide quase completamente com o NP celtibérico **abulu** (/ablu/), latinizado em ABLO (TContr). Aliás, ninguém até hoje conseguiu explicar, caso estivessemos perante um exemplo iberizado de **Ablu*, por que motivo surge **abuloraune** na inscrição em causa, em detrimento de **abuluraune* ou mesmo de **aboloraune*.

À extensa lista de trabalhos que arrolámos noutras ocasiões cumpre-nos agora adicionar mais alguns (Luján, 2010, p. 292; Orduña, 2010, p. 325; Beltrán Lloris, 2011a, pp. 141, 145; Barrandon, 2011, pp. 171, 172).

Em todo o caso, reiteramos pela enésima vez que estamos perante um NP ibérico trimembre — **abu-lor-aun** — seguido pelo sufixo de dativo **-e** (Faria, 1992–1993, p. 278, 1993a, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 2000a, pp. 122–123, 2002a, pp. 121–122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 302, 2006a, p. 116). Trata-se de uma interpretação que Orduña (2010, p. 325, n. 12) (des)qualifica como insustentável. Lamentamos que Orduña não tivesse tentado justificar a insustentabilidade da nossa tese, que, como ele bem sabe, além de se estribar na pontuação, por ele implicitamente desvalorizada, que separa cada um dos lexemas do texto, funda-se em *comparanda* para os três segmentos que compõem **abuloraun**; ficará, decerto, para outra oportunidade.

É evidente que a procedência ibérica de **abuloraun** não é de modo nenhum posta em causa pela circunstância de o silabograma <bu> ser “insólito” (Jordán, 2008, p. 24) ou “extraordinariamente excepcional” (Velaza, 2009, p. 616) em inscrições redigidas naquele idioma. Os investigadores citados teriam de fazer prova — ou, no mínimo, aduzir indícios — de que, *e.g.*, **abuiber** (G.1.7; Faria, 2008a [2009a], p. 77), **abulduñ** (D.3.1; Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, pp. 66, 68, 2000b, p. 62), **adibur** (Faria, 1990–1991, pp. 75, 83, 1991a, pp. 188, 190, 1994a, p. 66, 1995a, p. 327, 1997, p. 107, 1998, pp. 236, 238, 2002b, p. 234, 2004a, p. 294), **alabuldun** (Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 1994a, p. 69, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302, 2006a, p. 116), **alásbur** (Solier, 1979, pp. 83, 84; Faria, 1990–1991, p. 82, 1991a, p. 190, 1994a, p. 66, 1995a, p. 327, 1997, pp. 106, 107, 1998, p. 236; Correa, 1992, p. 262), **buranalir** (F.7.1), **bursau** (Luján, 2007, p. 78; Silgo, 2008, p. 24; Olcoz, Luján & Medrano, 2010, pp. 21–23), **buištiner** (G.1.1; Orduña, 2006, pp. 409–410), **culešbur** (Faria, 1994a, p. 67, 1999a, p. 155, 2003b, p. 318), **ibušcetin** (B.1.270, .271; Correa, 1992, p. 262; Faria, 1995a, p. 327, 2004b, p. 182, 2005a, p. 279, 2006a, pp. 119–120, 2007a, pp. 170–171), **[I]eisbur** (B.7.34; Silgo, 1994, pp. 94, 197; Faria, 1995a, p. 327, 1997, p. 107, 2003b, p. 318) e **selgibur** (Rodríguez, 2000, pp. 48–49; Faria, 2003b, p. 318) não pertencem ao idioma ibérico. Será que a raridade de <bo> em ibero (Ferrer i Jané, 2005 [2006], pp. 962, nn. 25–27, 967, n. 51) implica paradoxalmente uma ascendência não-ibérica dos lexemas e inscrições que incluem aquele silabograma?

Mais recentemente, também Prósper (2010, p. 221) se pronunciou sobre o NP em apreço, sem que, ao invés da postura ortodoxa, tivesse caído na tentação de amputá-lo ao sabor de conveniências pouco ou nada científicas. Contudo, na nossa óptica, a referida linguista equivocou-se na atribuição de **abuloraune** à antroponímia céltica, considerando este NP uma versão iberizada de **Abulouellaunos*. Ora, caso fosse este o NP original, a iberização de **Abulouellaunos* dificilmente seria outra que não **abulubelaune* ou **abolobelaune*, mediante a passagem de /ue/ a <be>, a exemplo do que sucedeu com **becuegi**, resultado da adaptação ao idioma ibérico de **uecuegi** (Correa, 2009a, p. 283, 2009b, p. 297; *v. infra*, pp. 157–158).

ARANCISIS (gen.). Estela de cabeceira. Vizmanos (Sória). *HEp* 3, 363.

Considerado indo-europeu tanto por Villar (2005a, p. 500) como por Vallejo Ruiz (2005, p. 637), o presente NP, que, na esteira de Espinosa & Usero (1998, pp. 486, 492), reputamos ibérico, deverá remeter para o nom. **Arancises*, segmentável em **aran-cis-(s)es* ou em **aran-ciseś*, de preferência a **aran-ci-ses* ou a **aran-cis-eś* (Faria, 2002b, p. 237, 2004a, p. 302, 2006a, pp. 117–118). Não é, pois, possível continuar a sustentar que ARANCISIS constitua a latinização (em genitivo) de **arancís* (Faria, 1994a, p. 69, 1998, p. 235). Não obstante, Aznar (2011, p. 177), Navarro, Gorrochategui & Vallejo Ruiz (2011, p. 157) persistem em encarar **Arancís* como um imparissílabo, mas não deixam de ocultar o nome de quem, antes deles, defendeu (erradamente) a mesma perspectiva. Refira-se, em abono da verdade, que Navarro, Gorrochategui & Vallejo Ruiz (2011, p. 157) aventam o nom. **Arancisis* a par de **Arancís*, mas não se atrevem a postular qualquer reconstrução da forma indígena deste NP.

Já num trabalho de que é autor único, Gorrochategui (2009, p. 543) parece reenviar ARANCISIS para o domínio linguístico paleobasco/ibérico, sem, todavia, se comprometer com a invocação de qualquer paralelo, nem próximo nem longínquo. Se pouco haverá a acrescentar ao que já se sabe sobre *aran* (v., em último lugar, Campmajo & Ferrer i Jané, 2010, pp. 260–261), a individualização dos segmentos *cis* e *ses* não pode deixar de dimanar da respectiva atestação noutras NNP. Deste modo, enquanto *cis* figura em **abaricis** (Pérez Orozco, 1993a, p. 62; Faria, 1995a, p. 323, 1998, p. 237, 2000a, p. 121, 2003b, p. 313, 2004a, p. 294, 2008b [2009b], p. 145), *ses* está presente em **eiCesesbiur** (Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006a, p. 116), em **sesin** (Faria, 2007b, pp. 225–226) e no NL **sesaís** (Faria, 2003b, p. 321). A existência de *ciseś* depreende-se da possibilidade de este presumível componente resultar, à imagem de outros que identificámos há bastantes anos (Faria, 1995a, p. 326), da aglutinação de *cis* + *eś*. Conquanto teoricamente possível, temos de expressar as nossas reservas relativas à ocorrência em ARANCISIS (gen.) do pretense formante ibérico *cisis*, sustentada quer por Espinosa & Usero (1988, p. 486), quer por Martínez & González (1998, p. 487), atendendo à completa ausência de *comparanda* mais ou menos aproximados para o mesmo.

arsabaś. Moeda. Ceca indeterminada. *CNH* 53:110.

Diversamente do que insinuou Moncunill (2010, p. 49), enveredando pelos maus caminhos trilhados por Rodríguez (Faria, 2004a, pp. 277–278), cabe ao signatário a autoria quer da identificação de **arsabaś** como NP, quer da respectiva segmentação como **ars-abaś** (Faria, 1991a, p. 189, 1994b, p. 39, n.º 52, 1995b, pp. 80, 83, 1996, p. 153, 2004a, pp. 277–278, 301, 2010 [2011], p. 91).

Recentemente, Untermann (2011a, p. 289) quis ver em **arsabaś** o NL Βάσσι, de ortografia problemática, ao estar atestado exclusivamente em Ptolemeu (2.6.70). Tal interpretação apoia-se, tão-somente, na segmentação da dita legenda monetária em **arsa-baś**, como se fosse possível traduzir o inexistente apelativo **arsa** (*sic*) por ‘castelo, fortaleza’. A exegese preceituada por Untermann talvez fizesse sentido se, em vez de **arsabaś**, a moeda em questão exibisse a legenda **ársbaś*. No entanto, **arsa** não é **ars**, e, ao invés do que muitos pretendem, **ars** não possui o mesmo significado que **arfs** (Faria, 2003b, p. 320, 2004b, p. 176, 2007a, p. 165), excepto, porventura, em **bilbi-liars**, onde parece notar-se a influência da ortografia celtibérica (Velaza, 2009, pp. 616–617; Beltrán Lloris & Velaza, 2009, p. 121, n. 115; Untermann, 2011a, p. 289, n. 31). Tal influência, a ter existido, não comprova — nem, tão-pouco, indicia — a pertença da inscrição musiva de **Andelo* ao paleobasco (*contra*, Velaza, 2009, p. 617). Por esta ordem de ideias, deveria a epígrafe do mosaico de La Caridad (Caminreal) ser considerada paleobasca por nela figurar **usecerde** em vez de **useceřde** (Quintanilla, 1998, p. 223)?

Retomando o tema deste verbete, só o lexema **afs**, e não **ars**, poderá ser traduzido por ‘castelo, fortaleza’ (Delgado, 1876, pp. 26–27, 383; Asensio, 1995, p. 112, n. 233; De Hoz, 1995a, p. 278), pelo que a engenhosa proposta formulada por Untermann nada possui de consistente.

arsbigis(teegiaf). Moedas. **arfe** (Sagunto, Valencia). CNH 304:2, 5.

Não há dúvida de que os nossos reiterados esforços no sentido de ser reconhecida a existência de um magistrado arsetano/saguntino de nome **arsbigis** (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995b, p. 80, 1996a, p. 153, 1998, p. 246, 2000a, pp. 127–128, 2001b, pp. 96–97, 2003a, p. 213, 2004a, p. 278, 2007b, pp. 210–211, 2008a [2009a], p. 62) têm encontrado não poucos obstáculos ao longo das duas últimas décadas.

Ainda agora nos deparámos com mais uma assombrosa tentativa de interpretação da legenda **arsbigisteegiaf**, desta vez, da responsabilidade de Untermann (2011a, p. 288, n. 25):

Es sorprendente que una frase completa sirva de leyenda monetar que cuyo significado podría ser, a mero título de ejemplo, algo como “el **-bikis-** (comandante/tesorero/monedero) del **ars-** (castillo [de Sagunto]) **-ekiar** (hizo [acuñar esta moneda])”.

Mais uma vez, Untermann parte de uma premissa errada: tal como a vibrante exibida na legenda monetária **arsabaś** (Untermann, 2011a, p. 289), a que consta de **arsbigis** não é a mesma que figura no NL **arfe**.

O NL **arsbigis** deverá identificar um magistrado que terá desempenhado as funções de *praetor Saguntinus* (Liv. 21.12.7), tradução latina de um cargo unipessoal cuja designação original, certamente em língua ibérica, permanece desconhecida (*contra*, Pérez Vilatela, 1992, p. 354, que sugere ser o termo **egiaf**).

Resta acrescentar que, mesmo depois do nosso alerta (Faria, 2008 [2009], p. 62), Barrandon não conseguiu manifestar quaisquer progressos. Na sequência da falta de informação de que deu mostras há alguns anos (Barrandon, 2006 [2008], p. 165), num texto onde também se podia ler uma interpretação equivocada das famosas inscrições musivas de La Caridad e **Andelo*, Barrandon continua a evidenciar uma completa ignorância acerca da existência de **arsbigis**, ao considerar **aiubas** (ou **aidubas**) (CNH 308:31-32; Faria, 2000a, p. 125, 2000b, p. 63) o mais antigo dos magistrados documentados na numária de **arfe** (Barrandon, 2011, p. 181).

as+bai. Lâmina de chumbo. Monteró (Camarasa, Lérida). Camañes & *alii*, 2010, p. 240.

Adoptando a sugestão de Camañes & *alii*, trata-se, muito provavelmente, de um NP ibérico composto por **aste** e por **bai**.

Inesperadamente, considerando que entre os *editores principes* se encontram Noemí Moncunill e Javier Velaza, a identificação de **bai** como segmento onomástico ibérico — e não só em **berbai**, NP que estes iberistas tiveram a desdita de trazer à colação despojado de qualquer referência bibliográfica — foi-nos sonogada por completo (Faria, 1995a, pp. 323–324, 1997, p. 111, 1998, p. 234, 2000b, p. 61, 2002a, pp. 125–126, 2003b, pp. 318, 326, 2007b, p. 215).

No que toca a **aste**, já que os investigadores em causa não se quiseram ocupar com minudências, deixamos aqui uma lista exaustiva de *comparanda*: **astebei(ce?)** (F.6.1; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, pp. 303, 310, 2008a [2009a], p. 62; Artigues & *alii*, 2007 [2008], p. 244), **astebeibas** (Artigues & *alii*, 2007 [2008], p. 244; Faria, 2008a [2009a], p. 62), ASTEDVMA (Corell, 2005, pp. 52–53, n.º 11; Faria, 2005a, p. 274, 2008a [2009a], p. 62) e SIR[A]STEIVN < **sirasteiun/*sirasteiun* (ERTer, 5; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005a, p. 274, 2007a, p. 173,

2008a [2009a], p. 62). Por uma questão de prudência, não incluímos neste elenco o NP feminino ASTERDVMARI (dat.) (*CIL II Suppl.* 5840), que, atentas as vibrantes em presença, poderá não passar de um parónimo (Gorrochategui, 1984, pp. 146–147, n.º 57; *contra*, Luján *ad HEp* 14, 126).

Refira-se, por último, que a autoria da segmentação do supracitado NP SIR[A]STEIVN em SIR-[A]STE-IVN nos pertence, um facto que Hernández (2000, p. 280) não deixou de omitir.

ATIITAN(*us?*). Moedas. *Obulco*. *CNH* 141:3.

Nenhuma dúvida nos resta de que a sequência das sete primeiras letras que compõem o NP gravado no reverso de *CNH* 141:3, no qual figura igualmente a legenda retrógrada OBVLCO, se lê como ATIITAN, podendo talvez ocorrer no final o nexa 'NV'. Os aversos dos exemplares de *Obulco* exibem o NP CONIPR (Faria, 1991b, p. 18, 1994b, p. 43, n.º 125, 1996a, p. 158, 2000a, p. 130, 2007b, p. 215). Conhecem-se, porém, alguns numismas possuidores do mesmo reverso que, em vez de apresentarem CONIPR no anverso, ostentam a legenda toponímica ABRA, pelo que são considerados híbridos (*CNH* 354:1). É precisamente numa das moedas híbridas que, dado o excelente estado de conservação que evidencia, se lê sem margem para dúvidas o NP ATIITAN (Faria, 2005b, p. 631) < <http://www.tesorillo.com/articulos/errores/errores4.htm> >. Assinale-se que, ainda há muito pouco tempo, Correa (2009a, p. 282 e n. 48) lia o presente NP como MATITA (*M. Atita*), julgando-o equivocadamente em posição retrógrada, em suposta conformidade com a orientação apresentada pelo NL OBVLCO, gravado um pouco mais abaixo na mesma face. Basta, no entanto, atender à orientação dextrógrafa do N e dos AA, exactamente iguais aos dois que figuram em ABRA, legenda toponímica gravada no anverso — exibindo o traço interno em posição paralela à haste esquerda: Λ (*CNH* 354:1) —, para concluirmos que a leitura de Correa carece de solidez. Tão-pouco é admissível a leitura ATTITA, ainda agora veiculada por De Hoz (2010, p. 459, n. 758).

Na nossa óptica, há que interpretar ATIITAN como um NP céltico abreviado (**Atetanus*), formado pelo prefixo *ate-* (Evans, 1967, pp. 142–144; Delamarre, 2007, pp. 29–30) e pela base *tanno-* (Delamarre, *DLG*, pp. 289–290, 2007, p. 233; Matasović, 2009, p. 369). Contra esta hipótese ergue-se a generalizada ocorrência nesta base onomástica da geminação das nasais, havendo apenas dois exemplos, de proveniência hispânica, em que tal fenómeno não se verifica: 'TAN'VS (Casariego, Cores & Pliego, 1987, p. 141, lám. 31, 5) e TANVSI (gen.) (Abascal, 1994, p. 523). Tal circunstância, naturalmente, não invalida uma etimologia céltica, pelo que, em face da ausência de nasais geminadas, talvez se justifique um relacionamento do segundo membro de **Atetan(us?)* com **tanā* (Matasović, 2009, p. 367), outro radical céltico.

[A]VCENSES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Na esteira de Gómez-Moreno (1949, p. 247), persistimos em restituir como [A]VCENSES o gentílico que figura truncado no Bronze de Ascoli (Faria, 2009 [2010], p. 163).

Não cremos que a proposta de restituição formulada por Beltrán Martínez (1956, p. 11) — [ILL]VCENSES — seja digna do crédito que De Hoz (2005 [2006], p. 74 e n. 35, 2010, p. 469 e n. 798), embora optando por [IL]VCENSES, entendeu conferir-lhe, considerando-a atractiva. Curiosamente, em nenhum dos sobreditos trabalhos, De Hoz chegou a citar o texto de Beltrán Martínez em que aquela foi apresentada.

É, para nós, óbvio que do NL **Ilugo* haveria que derivar o gentílico **Ilugonenses*, nunca **Ilucenses*. Não obstante, sem perder tempo em aduzir um só argumento, De Hoz (2005 [2006], p. 74, n. 35, 2010, p. 469, n. 798) admite que **Ilugo* poderia dar origem a qualquer um dos seguintes gentílicos: **Ilucenses* ou **Iluconenses*.

a+cidei+e. Bloco de pedra. Ensérune (Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Apesar de termos advertido, em vários artigos, para a ilegitimidade da transformação de **a+cidei+e** em **arkiteibas** (Faria, 2002a, pp. 126, 127, 2004a, p. 294, 2005c, p. 168), chegou agora a vez de Orduña (2011, p. 137) cometer semelhante erro.

BADAN. Ara de arenito. Ízcue (Olza, Navarra). Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, pp. 290–291.

Até hoje, pouco ou nada se escreveu sobre este NP que não se restringisse ao reconhecimento do mesmo como indígena, ou mais especificamente como paleobasco/aquitano (Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, pp. 290, 291; Fernández, 2010, p. 364).

Antes de mais, nada na inscrição que o veicula sugere que o *cognomen* **BADAN** não esteja completo, pelo que não vemos como possa ser justificada a respectiva leitura epigráfica como **BADAN[---]** (Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, p. 290; Fernández, 2010, p. 366).

Apesar de, na *editio princeps*, se asseverar que “resulta extremadamente complicado encontrar para él relaciones o paralelos satisfactorios” (Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, p. 290), parece-nos razoável aproximar **BADAN** de **bedan**, segmento que, ao contrário do que acontece com **betan**, surge por diversas vezes atestado na antroponímia ibérica (Ferrer i Jané, 2005 [2006], pp. 962, n. 29, 963, n. 33, 2010 [2011], p. 81, n. 30; Faria, 2008a [2009a], p. 66, 2010 [2011], p. 96; Ferrer i Jané & *alii*, 2009 [2010], p. 121). É **bedan** que encontramos em **benebedanef** (*MLH* III 1, p. 217; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, Ferrer i Jané, 2005 [2006], pp. 962, n. 29, 965, n. 45; Ferrer i Jané & *alii*, 2009 [2010], p. 121), NP no qual Fernández (2010, p. 368, n. 32) isolou erroneamente o segmento **nef**. De resto, tão-pouco se entende que Fernández (2010, p. 368, n. 32) tenha individualizado **nef** em **buištiner**, à luz da comparação quer com **boištngiś** (**bois-tin-giś**) (Faria, 1995a, p. 327, 2002a, p. 130, 2005a, p. 277, 2005c, p. 164, 2007b, p. 221; Orduña, 2006, pp. 409–410), quer com **Yreštiniir** (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 68). É provável que **BADAN** derive de **bedan** por assimilação vocálica; em contrapartida, a alteração da primeira vogal documentada em **bacon** < **becon** e em **balaur** < **belaur** deverá consistir num fenómeno dialectal (Quintanilla, 1998, pp. 71, 72; Ballester, 2008, p. 81; *contra*, Faria, 1998, p. 233).

‘ban’Tuacui/‘ban’nTuacui. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 346:36–37.

Muito embora continue a ser tentadora a analogia que estabelecemos entre o presente NP e **ANDVGEP** (Faria, 1992a, p. 44, 2000a, pp. 125–126, 2001a, p. 206), analogia esta que nos permitiu postular a pertença de **ANDVGEP** e de **‘an’Tuacui** à antroponímia turdetana (Faria, 1992a, p. 44, 1994b, p. 39, n.º 44, 1995b, p. 79, 1996a, p. 152, 2003a, p. 213, 2005a, p. 273), não podem ser postas de parte outras transliterações do nexa inicial.

São três as transliterações alternativas que aqui se propõem, duas delas fundadas na interpretação como < **r** > do signo integrante do nexa que, até agora, vínhamos lendo como um < **a** > tomado de empréstimo ao semi-silabário levantino (Faria, 2000a, p. 126). A excepção consiste em **‘ban’(n)Tuacui**, pertencendo a paternidade da mesma a José Luis González Muñoz < <http://personal.telefonica.terra.es/web/irea/meridional/meridional-monedas.html> > (página web actualizada em 11/05/2005). Esta mesma sugestão foi há bem pouco tempo perfilhada por Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 93, n. 82); as outras duas, **‘carn’(n)Tuacui** e **‘ran’(n)Tuacui**, são propostas de transliteração aqui formuladas pela primeira vez.

Tal como veremos adiante, qualquer das transliterações ora fornecidas permite-nos encarar com maior confiança a possibilidade de o NP em causa ser analisável no âmbito do celta continental. No entanto, caso se venha a provar que **‘an’Tuacui**, a nossa transliteração inicial, era a mais apropriada, não fica *ipso facto* descartada uma ascendência céltica do NP em causa. Com efeito, nada

impede que a base inicial de **Anduacuios*/**Antuacuios* seja cotejada com a que figura em idêntica posição nos NNP ANDVCOR[(Delamarre, 2007, p. 22), ANDVEIA (Delamarre, 2007, p. 22), ANDVENNA (*OPEL* 1², p. 53; Delamarre, 2007, p. 22), ANDVMOBIOS (Siles, 1985, p. 58, n.º 152; Abascal, 1994, p. 275), ANDVNOCNES (*OPEL* 1², p. 53; Delamarre, 2007, p. 22; Falileyev, 2007, pp. 40–41), ANDVS, ANDVSIA (Delamarre, 2007, p. 22), ANTVBELI (gen.), ANTVBELLICVS (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 155–157), ANTVLLVS/-A (Stüber, 2005, p. 111, 2007, p. 90; Delamarre, 2007, p. 23) e ANVTII (gen.) (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 155–157).

No que concerne às novas transliterações, detenhamo-nos em primeiro lugar na mais plausível das três, **'ban'**Tuacui.

Partindo do princípio de que é esta a transliteração correcta, a mesma deverá consistir na iberrização de **Manduacuios* ou **Mantuacuios*. Seguidamente, arrolamos diversos NNP célticos susceptíveis de fundamentar qualquer destas restituições: **acuios** (K.1.3; Untermann, 1996, p. 124; *MLH* IV, p. 589; *MLH* V 1, p. 16), AQVIVS (*OPEL* 1², p. 71), MANDIA (Evans, 1967, p. 223; Stüber, 2005, p. 70), MANDICVS, MANDIVS (Prósper, 2005, p. 226; Delamarre, 2007, p. 125), MANDON(---) (Falileyev, 2007, p. 104), MANDVBILI (gen.), MANDVCCVS, MANDVILLAE (dat.) (Delamarre, 2007, p. 125), MANDVILI (gen.), MANDVILVS (Evans, 1967, p. 223; Billy, 1993, p. 103; Delamarre, *DLG*, p. 215, 2007, p. 125), MANDVISSA, MANDVILIO (dat.) (Evans, 1967, p. 223; Prósper, 2005, p. 226; Delamarre, *DLG*, p. 215, 2007, p. 125), MANDVORIX (Bowman, Thomas & Tomlin, 2010, p. 2159), MANDVS (Evans, 1967, p. 223; Prósper, 2005, p. 226; Delamarre, *DLG*, p. 215, 2007, p. 125), MANDVTICA (Delamarre, 2007, p. 125), MANTI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 126) e SENOMANTO (dat.) (Delamarre, 2007, p. 166). É provável que Stüber (2005, p. 70) tenha razão ao duvidar do renvio directo para **mandu-* 'pónei, potro' dos NNP que, tal como MANDIA, não possuem *-u-* a seguir à dental sonora.

Ainda que as probabilidades sejam bem menores, a transliteração **'ban'**Tuacui poderá representar o NP **Banduacuios*, caso se vislumbre uma relação de parentesco entre o primeiro segmento e o ND *Bandua*, hipótese que se deve a J. L. González (*ad loc.*). De resto, as probabilidades de o NP em questão se reportar a **Banduacuios* alicerçam-se, em contexto extra-teonímico, tão-somente na atestação do derivado BANDVLIA (*OPEL* 1², p. 110). É também razoável supor que **'ban'**Tuacui se relacione com **bandui** (ou **bandu**) (Comas, Padrós & Velaza, 2001, pp. 297–298), desde que este NP remonte ao celta (*contra*, Faria, 2003a, p. 226; Ferrer i Jané, 2010 [2011], p. 93, n. 82), sobretudo na eventualidade de **bandui** (**bandu**?) estar pelo NP céltico **Mandu* ou **Manduios*, a despeito de ostentar **Ylbebiur** como patrónimo (Comas, Padrós & Velaza, 2001, p. 298). Já a identificação de **bandu(i)**, um claríssimo NP, com o ND *Bandus* em dat. (De Bernardo Stempel, 2010, p. 24, n. 54) não é, quanto a nós, minimamente credível, uma vez que o contexto epigráfico da estela de Badalona é com certeza funerário, e não votivo.

No que toca à suposta afinidade entre **'ban'**Tuacui e TARBANTV (TSall), entrevista por Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 93, n. 82), esta é, em nosso entender, descabida, atendendo à segmentação de TARBANTV em TARBAN-TV (Faria, 2007a, p. 179). A reiterada ocorrência do formante **tarban** na antroponímia ibérica (*MLH* III 1, p. 233) dispensa-nos de admitir a bondade da segmentação TARB-ANTV, postulada por Aznar (2011, p. 225). Talvez Jordán (2008, p. 15) tenha razão ao interpretar *tarban* como um empréstimo do celta ao ibero. Neste sentido, não deixa de ser interessante assinalar que a partilha do mesmo significado — 'tourinho/novilho' — por parte de TARBANTV e de SESENCO (Gómez-Pantoja & Alfaro, 2001, pp. 177–178) < **sesinco* (Faria, 2002a, p. 135, 2004a, p. 309, 2007b, pp. 225–226) permitiria traçar uma isoglossa bem definida entre duas línguas, respectivamente o ibero e o paleobasco, que têm vindo e continuarão a ser, *nolens uolens*, tratadas como cognatas.

Ainda no pressuposto de que **'ban'Tuacui** é a transliteração aconselhável, a despeito das dificuldades que se erguem à identificação do elemento *panto-* (Delamarre, *DLG*, p. 246, 2007, p. 229) na onomástica céltica peninsular e especificamente em **'ban'Tuacui**, não pode tal exegese ser descartada por completo, sobretudo por estar o referido NP documentado fora da Celtibéria, região em que o celta se caracteriza pela eliminação de **p-* (v. agora De Bernardo Stempel, 2009 [2010], *passim*, defendendo a celticidade do NL vaceu *Pintia*).

Passando a uma segunda transliteração do nosso NP, **'carn'(n)Tuacui** resultaria na identificação de um NP provido de uma base inicial, *carno-*, igualmente explicável através do celta continental (Degavre, 1998, pp. 138–139; *DLG*, p. 106; Villar, 2005b, p. 85; Matasović, 2009, pp. 190–191).

Por último, no que diz respeito à proposta de leitura **'ran'(n)Tuacui**, o principal óbice à aceitação da mesma reside na ausência de indícios do signo vocálico (<*r*> e <*a*> dificilmente comparecerão em simultâneo no nexa em apreço). Não escasseariam, em todo o caso, testemunhos antropomícos que a sustentassem: ICORANDVS (Delamarre, 2007, p. 108), RANTILLI (gen.), RANT(---), RANTVLANA, RANTVLANI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 151) e VENIRANDAE (dat.) (Delamarre, 2007, p. 194).

A reavaliação do supramencionado nexa de signos acarreta naturalmente inevitáveis consequências na interpretação a dar a um outro nexa, com o qual principia **[?]gioniís**, nome de um magistrado de *Abra* (*CNH* 355:1–4), que vínhamos transliterando como **'an'gioniís** (Faria, 1990–1991, p. 81, 1991b, p. 18, 1994b, p. 38, n.º 36, 1995b, p. 79, 2000a, pp. 125–126, 2001a, p. 206, 2005c, p. 163, 2007b, p. 209). Esta nossa leitura, de resto, chegou a ser questionada por Ripollès (2005, p. 127, n.º 697) com base nas diferenças gráficas detectadas entre ambos os nexos. Em face do exposto, conquanto a transliteração que vimos propugnando não possa ser afastada por inteiro, acreditamos que, em alternativa a **'an'**, é possível individualizar o nexa **'ri'** (com o <*i*> em posição invertida), opção que nos proporciona a leitura **'ri'gioniís**, um NP céltico de tema em *-i* (v. outros exemplos em Vallejo Ruiz, 2008, pp. 149–150). Seja qual for a segmentação apropriada — **rig-ioniís** ou **rigi-oniís** (esta bem menos plausível) —, não se nos deparam grandes dificuldades em encontrar na onomástica céltica *comparanda* para ambas as soluções: IONILL(*i*) (gen.), IONIO (dat.) (Delamarre, 2007, p. 111), IONIXSI (gen.) (*AE* 1894, 169) (mas Gorrochategui, 1984, p. 234, n.º 247, prefere LOHIXSI), MVNERIGIO (Prósper, 2005, pp. 242, 248) (ou V'AN'ERIGIO?), ONIVS, ONNIORIX (Delamarre, 2007, p. 145), RIGANI (gen.?) (Prósper, 2005, p. 210), RIGIAE (gen.), RIGINA (Prósper, 2005, p. 210; Delamarre, 2007, p. 154), RIGINVS (Prósper, 2005, p. 210; Delamarre, 2007, p. 154), RIGISAMO (dat.) (Prósper, 2005, p. 241; Delamarre, 2007, p. 154) e SORIGIONIS (nom. ou gen.?) (Delamarre, 2007, p. 171). Outra análise exequível consiste em encarar **'ri'gioniís**, não como um composto, mas como um derivado, análise que redundaria na individualização do segmento final *-is*, porventura correspondente ao sufixo de grau comparativo céltico (Jordán, 2004, pp. 138–140; Prósper, 2005, pp. 269–284; Rubio, 2006, pp. 407–409; Untermann, 2011b, pp. 545–551). Talvez seja este o sufixo que se encontra documentado nos seguintes NNP de presumível matriz céltica: **ailociscum** (Untermann, 1996, p. 123) < **Ailocis* < **Ailocos* (Untermann, 1996, p. 123), **canCaiciscum** (Untermann, 1996, pp. 139–140) < **CanCaicis* < **CanCacos* (De Bernardo Stempel, 2011a, p. 179 e n. 23), **CaPelaiciscum** (Untermann, 1996, p. 138) < **CaPelaicis* < **CaPelacos* (De Bernardo Stempel, 2011a, p. 179 e n. 23), **odaciis** (*CNH* 342:9) / ODACIS (*CNH* 133:3–4) < **Audacis* < **Audacos* (Longpérier, 1864, pp. 270–271; Palomar, 1957, pp. 88–89, 137; *contra*, Faria, 2006a, p. 125) e **Ybartiaicis** (F.6.1) < **Martiaicis* < **Martiacos*, se a regra da “pré-palatalização” explanada por De Bernardo Stempel (2011a, p. 178) tiver aplicação no caso vertente. Este último seria um derivado da base onomástica *marto-* (Delamarre, 2007, p. 227). Também o NL **Curunniacis* poderá documentar o mesmo sufixo de grau comparativo (*contra*, Correa, 2011a, pp. 169–170).

Se bem que com menor grau de verosimilhança, também <be>, <ga> ou <ta> podem ser os grafemas acompanhantes de <r> no nexa em causa; cada uma destas opções, — que alvitramos com todas as reservas aconselháveis nestas circunstâncias — induz-nos a transliterar a totalidade do NP respectivamente como ‘ber’gioniś, ‘gar’gioniś ou ‘tar’gioniś.

Não são poucos os NNP pertencentes ao repertório onomástico do celta continental passíveis de corroborar qualquer das exegeses.

Assim, a base *berg-* encontra-se atestada em BERGIL[(Prósper, 2005, p. 266), BERGILIANVS, BERGIMO (dat.), BERGIVS, BERGONIE (dat.), BERGVLLA, BERGVSSSE (dat.) (Delamarre, 2007, p. 40) e ILIOBERGA (Delamarre, 2007, p. 109).

Por sua vez, a base *garg-* comparece em GARGENNI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 102), *Gargenus* (Albertos, 1966, p. 118; *DLG*, p. 175; Matasović, 2009, p. 151; *DCCP-N*, p. 127), GARGILIANAE (gen.) (Delamarre, 2007, p. 102), GARGILIVS (Albertos, 1966, p. 118; Delamarre, 2007, p. 102), GARGONIVS (Albertos, 1996, p. 118) e *Gargoris* (Albertos, 1966, p. 118; Prósper, 2005, p. 242; Koch, 2009, p. 341; *DCCP-N*, p. 127), além de poder figurar em dois NNP transmitidos em escrita ibérica: **gařgangado** (Panosa, 1999, p. 193; Moncunill, 2010, p. 86) e **CarCośCař** (F.7.1) (**gargoścař*).

Finalmente, ‘tar’gioniś poderia estar por **Tragionis*, NP formado a partir do radical *tragi-/trago-* (Degavre, 1998, p. 418; Rubio, 2004, p. 146; Matasović, 2009, p. 387).

A rejeição (ao menos temporária) da transliteração ‘an’gioniś autoriza-nos a tentar encontrar uma ascendência linguística para **angisa** (H.9.1; Faria, 2005c, p. 163, 2009 [2010], p. 158) fora do âmbito da antroponímia ibérica. Assim, temos agora por mais plausível a inclusão deste NP na onomástica céltica. **Angissa* deverá, pois, ser um NP formado pela base *anc(o)-/ang(o)-* (Albertos, 1966, pp. 24, 25; Vallejo Ruiz, 2005, pp. 150–152) e pelo sufixo hipocorístico *-issā* (Degavre, 1998, p. 260; Stüber, 2005, p. 71), a não ser que se componha da base *cisso-*, patente nos compostos IRDVCISSAE (gen.) (Delamarre, 2007, p. 216) e LAXTVCISSA (Delamarre, 2007, p. 216; Falileyev, 2007, pp. 97–98, inclina-se para um derivado em *-issā*, LAXTVC-ISSA), prefixada por *an-* (Delamarre, 2007, p. 210; *DCCP-N*, p. 7). Tal como se observa em diversos NNP célticos de tema em *-ā*, entre eles os citados IRDVCISSAE (gen.) e LAXTVCISSA, além de outros que exibem o sufixo *-issā* (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 150–152; Meid, 2005, pp. 200, 207, 257; Delamarre, 2007, p. 211), também **Angissa* (ou **Ancissa*) poderá conformar um nome masculino.

A mesma base parece ocorrer no derivado ANGINA (*OPEL* 1², p. 54) e no composto **angeibon** (Díaz & Mínguez, 2009, p. 442), que atesta o segmento antroponímico céltico *bon-* (Meid, 2005, pp. 258–259; Delamarre, 2007, p. 28; Falileyev, 2007, pp. 59–60; Raybold & Sims-Williams, 2009, p. 183). Não pode, todavia, excluir-se uma filiação ibérica para este último, devendo o mesmo, nesta conformidade, à imagem de **angitir[és?]** (C.2.53) (decomponível em **angi-tir[és?]**), segmentar-se em **angei-bon** (Faria, 2009 [2010], p. 158), de preferência a **an-geibon** (*contra*, Díaz & Mínguez, 2009, p. 442, n. 39).

Já defendemos em crónica anterior (Faria, 2009 [2010], p. 167), através de uma análise comparativa dos respectivos segmentos, que também **sibibolai** (*CNH* 342:8; De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990–1991, p. 74, 1991a, pp. 191–192, 1991b, p. 17, 1992a, p. 44, 1993a, pp. 152–155, 1994b, p. 53, n.º 344, 1995b, p. 85, 1996a, p. 172, 1999a, p. 156, 2000a, pp. 138–139, 2001a, p. 207, 2003a, pp. 226–227, 2004a, p. 292, 2005c, p. 171, 2009 [2010], p. 167) e **TuiTubolai** (*CNH* 343:11–14) devem ser atribuídos à antroponímia céltica, conformando, respectivamente, versões iberizadas de **Sibibolaios* / **Sibimolaios* / **Simibolaios* / **Simimolaios* e de **Duitubolaios* / **Duitumolaios* / **Tuidubolaios* / **Tuidumolaios*.

A probabilidade de os NNP subjacentes a **sibibolai** e a **TuiTubolai** pertencerem à antroponímia céltica (Faria, 2009 [2010], p. 167) sai reforçada mediante a evocação de **Tirtobolos* < **tirtobolocum**

(K.1.3: Untermann, 1996, p. 158), na eventualidade de o segmento **bolos* partilhar o mesmo radical céltico (**bol-*) com **bolaios*. Atendendo aos paralelos para **bolos* — NAMTIBOLI (gen.) (Raybould & Sims-Williams, 2009, p. 29 e n. 133), SAETIBOLVS e TRIBOLVS (Meid, 2005, pp. 134–136; Delamarre, 2007, p. 213) — não descortinamos qualquer motivo que nos leve a subscrever a hipótese de **tirtobolocom** remeter para **Tirtoblos* ou **Tirtoplos* (Prósper, 2007, p. 24 e n. 3; *contra*, Untermann, 1996, p. 158; *MLH* IV, p. 601; *MLH* V 1, p. 396). Seja como for, não menos plausível do que a equiparação entre **bolai** e **bolaios* é a afinidade que detectámos (Faria, 2009 [2010], p. 167) entre aquele primeiro formante e o elemento com que termina o NP céltico ATIMOLAIOVS (Vallejo Ruiz, 2005 [2006], p. 112; Delamarre, 2007, p. 30).

barceno. Moedas. **barceno**/*Barcino* (Barcelona). *CNH* 51:95.

Nunca é demais recordar que Rodríguez (2002a [2003a], p. 42, 2002b [2003b], p. 266) tentou por duas vezes sonegar-nos a prioridade na segmentação de **barceno** < **balceno* em **balce-no** (Faria, 1995a, p. 324, 2003b, p. 314, 2004a, p. 279). Trata-se de um NL possuidor do sufixo hipocóristico *-no*, que encerra os NNP BIVRNO (Untermann, 1979, p. 47, *MLH* III 1, p. 204), GVRTARNO (Untermann, 1979, p. 47, *MLH* III 1, p. 204), *Hilernus* (Liv. 35.7.8) (Pérez Vilatela, 1999, p. 239; Faria, 2000b, p. 64, 2004a, p. 307; *contra*, Villar, 2011, p. 575, n. 6), TORSINNO (Untermann, 1979, p. 47), TORSTEGINNO (dat.) (Faria, 1998, p. 237) e TVRINNVS (Untermann, 1979, p. 47, *MLH* III 1, p. 204). É este mesmo sufixo que se documenta no NP reconstruído **Iarno* (Faria, 2002a, p. 128, 2008a [2009a], p. 77, 2009 [2010], p. 159), que está na origem do NL basco medieval *Iarnoz* (Orpustan, 1999, p. 270). Além de figurar em **barceno**, o sufixo *-no* poderá participar dos NNL **Belsino* (*DCCP-N*, p. 72) e **Ruscino* (*DCCP-N*, pp. 89–90; *DNLF*, p. 472; Blasco (2009–2010 [2011], p. 148), independentemente da família linguística a que pertencer cada um os respectivos radicais. Em todo o caso, o radical de *Ruscino* não é seguramente ibérico (*DCCP-N*, pp. 89–90; *DNLF*, p. 472; Blasco (2009–2010 [2011], p. 148), e os que serviram de base à formação de **barceno** (Bähr, 1948, p. 418; Albertos, 1966, pp. 48–49; Matasović, 2009, p. 53) e de **Belsino* (García Alonso, 2003, p. 326; Curchin, 2008, p. 17; *DCCP-N*, p. 72) poderão também não o ser.

Em face da inexistência do elemento onomástico **barceno**, que contrasta com a abundância de **balce-**, não fará, a nosso ver, grande sentido acompanhar Pérez Orozco (2007, p. 103) e Velaza (2011a, p. 569) na análise de **barceno** como **barceno-o**. Em contrapartida, no estudo deste último linguista dedicado ao sufixo toponímico ibérico *-o*, ficaram por tratar os NNL *Cessero* (*DCCP-N*, p. 98), **Baesaro* (*contra*, Faria, 2003b, p. 326) e *SEARO* (*contra*, Luján, 2007, p. 67). Uma segmentação de **Belsino* em **bel-sin-o* ou em **bels-in-o* tão-pouco poderá ser excluída, a confirmar-se a pertença deste NL ao ibero.

Reflectindo BARCINO, apofonia de **barceno** < **balceno*, a acentuação proparoxítota do vocábulo primigénio (Tovar, 1949, p. 26, n. 1; Velaza, 2011a, p. 569), não temos por adequada a individualização de um morfema **-cino**, preceituada por Blasco (2009–2010 [2011], p. 148), que indica **Ruscino* como *comparandum*. Do mesmo modo, dada a distinção vocálica, nenhum parentesco poderá ser detectado entre **barceno** < **balceno* e os presumíveis NNP ibéricos TERCINOI e **tercinos** < **tercin* (Untermann, 1994–1995 [1997], pp. 141–142). López Sánchez (2010 [2011], p. 612) alude a uma cidade-ceca denominada *Barkino*, mas esta é uma leitura que nenhuma legenda monetária cauciona.

barnai. Tábua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça).

Untermann, 1996, p. 130.

Se é admissível perfilhar a interpretação aventada por Untermann (1996, p. 130) no sentido de ver em **barnai** um NP ibérico, já não podemos seguir o linguista alemão na segmentação por ele

aduzida para o mesmo: **barn-ai** (Faria, 2002a, p. 124, 2004a, p. 303, 2008a [2009a], p. 75). Houve mais alguns autores (Jordán, 2008, p. 14; Navarro, Gorrochategui & Vallejo Ruiz, 2011, p. 119) que decidiram igualmente incluir **barnai** na antroponímia ibérica, mas não tentaram justificar a sua opção, talvez por considerarem suficientemente esclarecedores os *comparanda* aduzidos por Untermann.

Nada impede a existência de um parentesco entre **barnai** e Βαρνακίς (García Alonso, 2003, p. 323), NL hispânico exclusivamente transmitido por Ptolemeu (2.6.56). Cremos, porém, que a interpretação mais ajustada a conferir ao NP em análise (Faria, 2008a [2009a], pp. 75–76) consiste em atribuí-lo a um idioma alheio ao espaço peninsular, seja ele o latim (Pena, 2002, p. 59) ou uma língua semita (Solin, 2007, p. 1372). Efectivamente, **barnai** poderá configurar uma adaptação ao ibero (em celtibero esperar-se-ia **barnaios* ou **barnaiu*) do NP BARNAEVS, documentado em cerca de meia centena de inscrições latinas, servindo maioritariamente de identificação a escravos e a libertos (Pena, 2002, p. 59), à semelhança do que parece ter-se verificado com diversos nomes gregos e itálicos atestados em K.1.3 (Untermann, 1988, *passim*). **barnai** não seria o único NP extra-peninsular testemunhado na cidade de *Contrebia Belaisca* a eludir a respectiva adequação à morfologia celtibérica. Efectivamente, caso tal acomodação tivesse ocorrido com o NP **bilonice** (K.1.7), forma iberizada do lat. *Philonicus* < gr. Φιλόν(ε)ικος (Untermann, 1996, p. 133, 1994–1995 [1997], p. 136; *MLH* IV, pp. 592, 609–610; *MLH* V 1, p. 79), aquele devia ter dado lugar a **bilonicos**, sendo esta a grafia que o dito nome apresenta em K.1.3 (Untermann, 1996, p. 133; *MLH* IV, p. 592; *MLH* V 1, pp. 78–79).

Assim sendo, a circunstância de **barnai** não ter sofrido qualquer adaptação à flexão nominal celtibérica não significa por si só que este NP pertença à onomástica pessoal ibérica (*contra*, Jordán, 2008, p. 14); e na eventualidade, que se nos afigura cada vez mais remota, de estarmos na presença de um NP ibérico, **bar-nai**, e não **barn-ai** (Untermann, 1996, p. 130; *MLH* IV, p. 591; *MLH* V 1, p. 62), constituiria a única segmentação aceitável (Faria, 2002a, p. 124, 2004a, p. 303).

becuegi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 345:26–35.

Temos até hoje analisado o presente NP como um composto ibérico segmentável em **becu** e **egi** (Faria, 1994a, p. 67, 1994b, p. 41, n.º 76, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996a, p. 155, 2000a, p. 128, 2002a, p. 128, 2004a, p. 304), baseando-nos para tanto na invocação de vários *comparanda* para cada um dos conjecturados membros: **becuef** (Faria, 1999a, p. 154, 2003b, p. 317), BERSEGI (gen.) (Faria, 2002a, p. 125, 2007b, p. 211), **egine<i>ti<n>** (Panosa, 2001, pp. 530–531; Faria, 2002a, pp. 127–128, 2004a, p. 306) e **taftabiegi** (Campmajo & Untermann, 1990, pp. 74, 75, 77, 1993, pp. 511, 519); a estes NNP poderemos associar **basbicu** (Untermann, 1996, p. 130; *MLH* IV, p. 591; *MLH* V 1, p. 63), já que **bicu**, conquanto figure como segundo membro do composto, oferece inegáveis semelhanças com **becu**.

Não obstante, como veremos, sobram os indícios de que **becuegi** configura a iberização completa de **uecuegi** < **Uecuegios*, nome que identifica um magistrado de *Abra* (*CNH* 355:1–4), permitindo semelhante exegese integrar este NP na antroponímia céltica continental. Do entendimento de **becuegi** como iberização completa de **uecuegi** < **Uecuegios* decorre a eventualidade de a terminação em *-i*, observável em **uecuegi**, documentar uma primeira fase da influência exercida pelo adstrato ibérico sobre um NP céltico. Neste sentido, não faltam os exemplos de nomes próprios com esta extracção linguística passíveis de documentar segmentos análogos aos dois que deverão compor **Uecuegios*: EGENVS (García Alonso, 2003, p. 314; Delamarre, 2007, p. 94; *DCCP-N*, pp. 119–120), EGIDIVS, EGINI (gen.), EGIRVS (Delamarre, 2007, p. 94), VECATI (gen.), VECIVS (Prósper, 2005, p. 232 e n. 211), VECCO (Luján, 2003, p. 236; Meid, 2005, p. 244; Delamarre, 2007, p. 192), VECISO (dat.), VECONVS e VECORIX (Meid, 2005, p. 244; Delamarre, 2007, p. 192).

Convirá recordar que Correa (2009a, p. 283, 2009b, p. 297) já tinha classificado **bekoeki** (*sic*) como forma iberizada de **uekoeki** (*sic*), NP por ele tido como turdetano. De resto, foi também esta ascendência linguística que, durante algum tempo, atribuímos tanto a **becuegi** como a **uecuegi** (Faria, 1990–1991, p. 81, 1991b, p. 18).

bendian. Moedas. Ceca indeterminada (*Mendi?*). CNH 257:1–8.

Continuamos a considerar inteiramente legítimo o relacionamento desta legenda monetária com o apelativo paleobasco **bendi* (Trask, 1997, p. 174), correspondente a “montanha”/“monte” (Faria, 2001b, pp. 98–99, 2002a, p. 125). Passados dez anos, eis que surge Aznar (2011, p. 98) manifestando-se adepto de tal conexão. Contudo, bastante mal andou o nosso seguidor ao encobrir o nome de quem o antecedeu no reconhecimento de tal afinidade etimológica. Em todo o caso, a razão de ser destas linhas reside sobretudo na tentativa de esclarecer uma questão suscitada pelo recente (e algo apressado) tratamento dado por Jordán (2004, p. 205 e n. 46, 2008, p. 26) ao sobredito termo, que alguns vêm considerando de etimologia indo-europeia (v. agora Villar & *alii*, 2011, pp. 131–135). A ligeireza com que Jordán voltou (Faria, 2005a, p. 274) a abordar o tema — além do mais, outorgando, isolada ou colectivamente (Jordán, 2008, p. 26; Villar & *alii*, pp. 130, 134–135), a De Hoz [1995a, pp. 274–275; antes em De Hoz, 1981a, p. 44] a autoria da detecção em diversos NNL do sufixo de locativo *-n* que diversos linguistas haviam individualizado muito antes dele (Caro, 1943, pp. 11–12, 22, 23 = 1988³, pp. 72–73, 83, 84, 1947, p. 233 = 1988³, p. 159, 1954, p. 741, 1985, p. 47; Vallejo Sánchez, 1946, pp. lii–liii; Untermann, *MLHI* 1, pp. 89, 244, 246) — fica bem patente neste excerto, cujo conteúdo não podemos deixar de lastimar por mais do que uma razão: “A. Marques de Faria 2000[a], p. 136, considera que hay que leerla como **mendian** y la explica, [*sic*] obviamente como vasca. Una simple confusión *m/b* [*sic*] y el sufijo *-n* dejan clara, a su juicio, la vasquicidad lingüística del topónimo.” (Jordán, 2008, p. 26). Por outras palavras, não corresponde à verdade que alguma vez (nem em 2001 nem em 2002) **mendian** tenha sido a transliteração que conferimos a **bendian** (Villar & *alii*, p. 129, n. 133: “A. Marques de Faria 2001, p. 98 transcribe con dos sonoras: *bendia*, con lo que facilita la propuesta de una etimología vasca que a continuación pasa a realizar.”).

Admitimos que a transliteração **bendian**, já subscrita por Tovar (1951, p. 296), se adequa à interpretação linguística que formulámos a partir da mesma. Importa reconhecer, porém, que a transliteração **bentian**, perfilhada por Jordán (2008, p. 26), peca igualmente por falta de rigor, devendo ser abandonada em favor de **PenTian** (Lejeune, 1955, p. 88). No tocante à “simple confusión *m/b*” como argumento favorável à “vasquicidad lingüística del topónimo”, diremos tão-somente que a única confusão que vislumbramos é a que tolda o raciocínio expresso por Jordán. Ou seja, não é de modo nenhum aceitável reduzir a uma “simple confusión *m/b*” o fenómeno que, aduzindo a literatura pertinente (em especial Martinet, 1955, pp. 387–388), classificámos como “[a] oscilação *b-/m-/u-*, detectável na grafia de diversos nomes pertencentes às línguas paleobasca e ibérica (Faria, 2000a, p. 136) ou por elas veiculados, susceptível de reflectir a existência, nestes idiomas, de uma oclusiva labial nasalizada /m^b/ em posição inicial” (Faria, 2001b, p. 98).

Se, tal como é nossa convicção, **bendian** constitui a toponimização em locativo (“inessivo”) determinado de temas em vogal (**bendi-an**) do apelativo paleobasco (e ibérico?) correspondente a ‘montanha’/‘monte’, não será de todo despropositado acreditar que a legenda presumivelmente celtibérica **bascuned̥** < **barscuned̥**, em abl. sg. (Villar, 1995, p. 130, 2005a, pp. 446–447) ou em nom. pl. (Tovar, 1949, p. 83; De Bernardo, 2011b, p. 156), partilhe com aquela o mesmo significado, porquanto, segundo Tovar (1949, p. 85, 1951, p. 277, 1961, p. 130, 1979, pp. 473–475, 1985, p. 248), o radical deste último nome remete para o PIE **bhars-* [**bhers-* < **bh̥rs-*] ‘cume’/‘monte’.

Creemos que será este o momento de insistir num ponto (de abordagem sempre desagradável) que julgávamos ter ficado devidamente esclarecido noutra ocasião (Faria, 2005a, p. 274): não reconhecemos nem a Villar nem a nenhum dos seus discípulos o direito de subverterem o nosso parecer sobre a legenda monetária **bendian** recorrendo a insinuações de péssimo gosto, como sejam as de tentativa de manipulação político-ideológica (Villar, 2002, pp. 186–187, Villar & *alii*, 2011, pp. 130–131).

A associação entre **bendian** e **bascuned̄/barscuned̄** é por demais evidente, já que, nos anversos das moedas que reproduzem a primeira legenda, figura **bengoda**, lexema presente na mesma face de algumas cunhagens que ostentam nos respectivos reversos a legenda **bascuned̄/barscuned̄**. O radical de **bengoda** deverá ser o mesmo que encontramos em **bendi(an)**, se deste NL fizer parte o sufixo *-di*, bastante produtivo na toponímia basca medieval (Orpustan, 1999, p. 266). Posteriormente a nós, mas sem que tivesse tido a cortesia de nos citar, também Villar (2005a, pp. 447–448) sugeriu a existência uma relação etimológica entre **bendian** e **bengoda**, conquanto atribuindo a ambos os lexemas uma procedência indo-europeia. Em conformidade com este nosso pressuposto, ainda por demonstrar, a presumível raiz paleobasca **ben* corresponderia a ‘montanha’/‘monte’, devendo procurar-se no segundo elemento de **bengoda** a origem do sufixo colectivo *-goa*, reproduzido em *Gipuzcoa, Nafarroa, Zuberoa* (Trask, 1997, pp. 332–333) e em *Ameskoa/Amescoa* (Belasko, 1999², pp. 65–66). Assim, **bengoda**, em vez de identificar uma povoação — que, segundo Beltrán Villagrana (1942, pp. 47, 48) levaria actualmente o nome de *Bengoa* —, configuraria a designação dos habitantes de **bendi/*barscu*.

Em alternativa à interpretação celtibérica da legenda **barscuned̄/bascuned̄**, cabe contemplar a hipótese de esta ser encarada como paleobasca/ibérica — a transliterar naturalmente como **barścunes/baścunes** — circunstância que, a confirmar-se, permitiria interpretá-la como um gentílico sg. (**barścun-e-s/baścun-e-s** equivalente a lat. *Vasconis/-e*). O <e> corresponderia à vogal de ligação entre o NL e o afixo *-s*, formador de gentílicos. Como paralelos, uns mais prováveis do que outros, de gentílicos ibéricos que ostentam o mesmo afixo poderemos apontar **arśsaos** (CNH 252:1–24; Faria, 2003b, p. 319), **arśsacos** (CNH 256:1-5), **auśes** (Aquilué & Velaza, 2001 [2002], p. 284; Faria, 2002b, p. 234; De Hoz, 2002 [2003], p. 163), **bastesildir** (Pérez Orozco, 1993b, p. 225), **bilbiliars** (K.28.1; De Hoz, 2001, p. 357, n. 67, Faria, 2002b, p. 234), **CASTLOSAIC** (Pérez Orozco, 1993b, pp. 225–226), **CefeCes** (Faria, 2007a, p. 169), **eTesilir** (F.7.1), **igales** (CNH 324:3; Faria, 2002b, p. 234; De Hoz, 2002 [2003], p. 163), **ildirges** (CNH 201:8,12, 13; Faria, 2002b, p. 234; De Hoz, 2002 [2003], p. 163), **labeisir/labeisildunir** (Faria, 2006a, p. 122), **oYTiCes** (CNH 261:1–2; Faria, 2003b, p. 319), **sedeis** (CNH 219:5–6, 11, 12; Faria, 2002b, p. 234; De Hoz, 2002 [2003], p. 163), **sesarś** (CNH 209:1–9; Faria, 2002b, p. 234) e **tirsos** (CNH 262:1; Faria, 2003b, p. 319).

O entendimento de **barścunes/baścunes** como NL paleobasco/ibérico em caso recto (não flexionado), a segmentar em **barścun-nes/baścun-nes** (Beltrán Lloris & Velaza, 2009, p. 124), não nos parece procedente, porquanto tal exegese faria perigar a relação, mais do que evidente, entre este lexema e o NE *Vascones*.

Em conformidade com a nossa hipótese acima exposta, na eventualidade de estarmos perante um NL paleobasco/ibérico, analisaríamos **barścun/baścun** como **barś-cun/baś-cun**. Como *comparanda*, poderemos indicar todos os NNP que ostentam **baś** < **barś** em posição inicial, sendo que o elemento **cun** consta apenas dos NNP **cerdecun** (CNH 52:101) e **sinecun** (Ferrer i Jané, 2005 [2006], p. 964, n. 40, 2008 [2009], p. 268). Também não poderá ser esquecido um dos vários NNP ibéricos que figuram em K.1.3, normalmente transliterado como **tarcunbiur** ou **tarculaur** (Untermann, 1996, p. 156; *MLH* IV, p. 600; *MLH* V 1, p. 363); no entanto, na sequência das reservas de natureza paleo-epigráfica que formulámos acerca de qualquer destas leituras (Faria, 2002a, pp. 124–125),

vimos agora propor uma terceira transliteração, **tarcunalur**, que, não sendo indiscutível, traduz com maior fidelidade do que as anteriores o que sobra dos três (e não dois) signos a restituir.

BENNABELS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Atentemos numa das primeiras cogitações que Barrandon (2011, p. 181) decidiu partilhar com os seus leitores acerca da antroponímia ibérica presente no chamado Bronze de Ascoli: [I]a plupart des noms ont quatre syllabes, divisibles en deux éléments bisyllabiques, comme BENNA-BELS”. Se já é grave que Barrandon acredite que a transliteração latina BENNA retrata fielmente algum componente onomástico ibérico (Silgo, 2009 [2010], p. 144), não sabemos como qualificar a caracterização de BENNABELS como NP composto por dois elementos dissilábicos...

Tal como era expectável numa obra mal documentada (apesar das 468 páginas), sobre a existência de NNP ibéricos trimembres, nem uma palavra.

bigirtinís. Lâmina de chumbo. La Punta de Orleyl (Vall de Uxó, Castellón de la Plana). *MLH* III 2 F.9.2.

Contrariando a *lectio facillior* — **bigirtibaś** —, avançada com alguma hesitação por Untermann (*MLH* III 2, pp. 380–381) e subscrita sem reservas por Correa (2004, p. 91), preferimos voltar a transliterar o último signo do NP em apreço como **n** (Fletcher, 1972, p. 114, lám. V, 1974, p. 127, Fig. 2, 129, 1985, p. 25, 80, Fig. 38, 123, lám. XXXIII; Faria, 1990–1991, pp. 77, 84, 1991a, p. 193, 1998, p. 235, 2000a, pp. 129–130, 2005c, p. 167). Na verdade, nada no *ductus* do mencionado grafema autoriza a que o mesmo possa ser lido como <ba> só porque, nesta eventualidade, seria mais fácil explicá-lo enquanto integrante do bem conhecido elemento onomástico **tibaś**. Também Orduña (2006, p. 40) fornece **bigirtibaś** como transliteração, mas, noutras páginas da sua tese, decide-se por **bigirtibiś** (Orduña, 2006, pp. 51, 70). Por seu lado, Rodríguez (2002b [2003b], pp. 258, 270) opta por **bicurtibaś**.

Convém ter presente que são já em número considerável os exemplos em que, em aparente contexto tautossilábico, a um signo de nasal sucede outro de sibilante; ao caso vertente e aos que foram há alguns anos aduzidos por Correa (1999, p. 380) deverá juntar-se BINSNES (**bins-nes*/**binś-nes*) (Faria, 1991a, pp. 190, 194, 1994a, p. 67).

Se nada neste verbete constitui novidade de maior relativamente ao que deixámos consignado há alguns anos (Faria, 2005c, p. 167), decidimos recordar o respectivo teor a propósito de uma deplorável tentativa de escamoteamento, ensaiada por De Hoz (2010, p. 412), que nesta ocasião se vê gorada, da autoria da transliteração **bigirtinís**. Tal como acaba de recordar Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 88, n. 63), com a integridade que não podemos deixar de lhe reconhecer, é esta mesma transliteração que vimos sustentando há mais de duas décadas.

cabutu. Tábua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça).

Untermann, 1996, p. 138.

Quando Untermann (1996, p. 138), secundado por Wodtko (*MLH* V, p. 146), afiançava que “no hay nada cotejable” com **cabutu**, estava a esquecer-se de um paralelo que dificilmente poderia apresentar maiores afinidades com o NP em causa. Trata-se de CABVTONIS (gen.) (Delamarre, 2007, p. 51), que não é mais do que um segundo testemunho (conquanto latinizado) do mesmo NP.

ca(a)nginai. Moedas. Ceca indeterminada. *CNH* 354:1–2.

Se, desde sempre, vimos advogando a pertença de **canginai** à antroponímia turdetana (Faria, 1990–1991, p. 81, 1998, p. 237), não pode, em alternativa, ser posta de parte a possibilidade de o

presente NP ser analisável no domínio do celta continental ou, genericamente, do indo-europeu (Faria, 2008a [2009a], p. 75, 2009 [2010], p. 167). Deste modo, a nossa perspectiva actual consiste em interpretar **canginai** como a expectável iberização de **Canginaios*.

Todos os NNP indo-europeus hispânicos susceptíveis de abonar esta nossa restituição foram recolhidos na notável monografia de Vallejo Ruiz (2005, p. 257). Para a lista ficar completa, deverá acrescentar-se CANGINAI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 55), o único NP extra-hispânico que documenta o radical *canc-*. Aliás, já Untermann (MLH I 1, p. 341) tinha deixado bem claro que só se conheciam *comparanda* hispânicos para **kankinai** no âmbito geo-linguístico tido tradicionalmente por indo-europeu.

CaPelaiciscum. Tábuas de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). Untermann, 1996, p. 138.

Trata-se de um NF céltico presumivelmente derivado do NP **Gabelacos* (De Bernardo Stempel, 2011a, p. 179 e n. 23), em prejuízo de **Cabellaicos* ou **Cabelaicos*, forma reconstruída que merece a preferência de Untermann (1996, p. 137, MLH IV, p. 430). Os melhores *comparanda* que nos ocorrem para **CaPel** são, sem dúvida, os NNL *Cabellio* (DCCP-N, p. 85; DNLF, p. 163), *Gabelius*, *Gabellum* e o hidrónimo *Gabellus* (Villar, 2005a, p. 459). Não pode, no entanto, ser descartado um parentesco com os *cognomina* abreviados de dois duúnviros, CAPE(...) (APRH I 397), de *Bilbilis*, e CAPEL(...) (APRH I 444), de *Calagurris* (Faria, 1997, p. 107). Cabe inclusive a eventualidade, que admitimos ser remota — porquanto *Capella* e *Capellianus*, atenta a abundância de testemunhos (se bem que extra-hispânicos), emergem como candidatos preferenciais (Untermann, 1996, p. 137) —, de ambos se restituírem respectivamente como CAPE(*llaecus*) e CAPEL(*laecus*). Não menos provável, apesar do distinto vocalismo que ambos comportam, é o relacionamento de **CaPelaiciscum** com os NNL Γαβάλαικα e Γέβαλα (Ptol. 2.6.65) (García Alonso, 2003, pp. 382–383; Villar, 2005a, pp. 459–460), dadas as evidentes semelhanças em especial com o primeiro de ambos, semelhanças que Untermann (MLH IV, p. 424, n. 27), de resto, considera fortuitas. Contrariando o parecer expresso por García Alonso (2003, pp. 382–383), não se afigura fácil associar Γαβάλαικα a Γέβαλα (Gorrochategui, 2005, p. 160), a menos que este último documento uma dissimilação vocálica (Villar, 2005a, p. 460), solução que nos parece preferível à interpretação do mesmo como enésima corruptela da tradição manuscrita ptolemaica (Gorrochategui, 2000, p. 146; Villar, 2005a, p. 460). Pode dar-se, contudo, o caso de ter sido a primeira vogal de Γαβάλαικα a sofrer uma assimilação regressiva (Gorrochategui, 2000, p. 146; *contra*, Gorrochategui, 2005, p. 160).

Untermann (1996, pp. 139–140), acompanhado alguns anos depois por De Bernardo Stempel (2001, p. 327), isolou os sufixos *-aico-* e *-isco-* não só em **CaPelaiciscum** mas também em **canCaiciscum**, outro NF, sendo este derivado de **CanCacos*, também por um fenómeno de “pré-palatização” (De Bernardo Stempel, 2011a, pp. 178, 179 e n. 23), de preferência a **CanCaicos* (Untermann, 1996, p. 139, MLH IV, p. 430, De Bernardo Stempel, 2001, p. 327). Wodtke (MLH V, p. 157), seguida por Villar & Jordán (2001, p. 168), preferiu aproximar este NF de CANCELVS/CANGILVS, não se tendo atrevido a seguir Untermann no reenvio para **CanCaicos*, forma reconstruída que, como vimos, deve dar lugar a **CanCacos* (De Bernardo Stempel, 2011a, p. 179 e n. 23).

Caſsuritu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 343:15–16.

Durante muitos anos (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 17–18, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 42–43, n.º 112, 1995a, p. 326, 1995b, pp. 80, 81, 1996a, p. 158, 1997, p. 106, 1998, p. 236, 2000a, pp. 122, 130, 2001a, p. 209, 2001b, p. 99, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003a, pp. 213, 215, 2005c, p. 167, 2007b, p. 214), considerámos **Caſsuritu** como NP ibérico segmentável em

Caí(s?)-suri-tu, pertencente, portanto, ao paradigma compositivo [apelativo + adjetivo + sufixo diminutivo] documentado nos NND paleobascos/ibéricos BAIGORRIXO (dat.) BAIGORIXO (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 312, n.º 468) (BAI-GORI-XO) e ILVRBERRIXO (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 337, n.º 563) (ILVR-BERRI-XO). Contudo, em alternativa a esta interpretação, não pode ser enfeitada de ânimo leve a integração do sobredito NP na antroponímia céltica continental, uma ideia já defendida por Prósper (2005, p. 203). Deixamos aqui registados os testemunhos de NNP providos de *carsi-/carsu-*, de que Prósper inexplicavelmente prescindiu em favor dos que ostentam a base *carro-*, decerto mais distantes de **Caísuritu**: ANCARSVLENVS (Delamarre, 2007, p. 20), CARS[...] (dat.), CARSARO (dat.), CARSIAVDIA, CARSICIOS, CARSIDIVS (Luján, 2003, p. 203; Delamarre, 2007, p. 58) e CARSVLIA (Delamarre, 2007, p. 59). Em face dos diversos exemplos de *carsi-/carsu-* fora do território peninsular, que nos levam a questionar a generalização do processo assimilatório céltico (com exclusão do celtibero) CVRSV > CVRRO (Schmidt, 2010, p. 480), não é, pois, certo que **Caísuritu** sirva de testemunho da conservação do grupo /rs/, um arcaísmo hispânico prévio ao tratamento céltico /rs/ > /rr/. Além do mais, a confirmar-se a filiação céltica do NP subjacente a **Caísuritu**, tão-pouco seria de afastar a possibilidade de o primeiro membro do composto corresponder a *crasso-*, *craxso-* (Delamarre, 2007, p. 218), circunstância que proporcionaria a identificação do NP **Crax(s)uritu/*Crassuritu*.

CASCANT(*um*). Moedas (semisses). *Cascantum* (Cascante, Navarra). APRH 426.

Temos de manifestar as nossas dúvidas quanto à possibilidade de o NL que veio a ser latinizado como *Cascantum* ter sido **Cascant* (Velaza, 2009, p. 614, n. 14, 2010 [2011], *passim*), atendendo aos numerosos NNL ibéricos derivados através de sufixo(s) iniciado(s) por dental seguida de vogal. Alguns deles foram reunidos no doxograficamente desventurado estudo de Luján (2007, pp. 55–60), aos quais, além do NL em questão, que em escrita celtibérica se apresentava como **caíscata** (CNH 258:1–4), deveriam ter sido acrescentados Σαιγανθα (Santiago, 1990, *passim*; Pérez Vilatela & Silgo, 1990, *passim*) e **turtunta** (Villar, 1995, p. 75). Reveste-se de particular interesse o caso de Σαιγανθα, já que, como é sabido, este NL passou mais tarde a ser conhecido em latim como *Saguntum*.

Por outro lado, considerando que, ao figurar exclusivamente em semisses — ainda para mais, sem o nexa CASCA'NT'VM que se observa nos semisses APRH 428 —, CASCANT não passa de uma abreviatura de CASCANTVM (*contra*, Velaza, 2009, p. 614, n. 14, 2010 [2011], p. 138, n. 15), parecem-nos mais razoável admitir que, em vez de **Cascant*, o NL primevo, com toda a probabilidade de extracção ibérica, tenha sido **caścanta*, **caścante*, **caścanda* ou **caścande*, não podendo mesmo excluir-se a hipótese de este se ter limitado simplesmente a *caścán*.

De preferência a uma origem genericamente não-indo-europeia (García Alonso, 2003, p. 394; Velaza, 2010 [2011], p. 139; Aznar, 2011, pp. 92–96; *contra*, Villar, 2005a, pp. 453–454; Curchin, 2008, p. 19), a filiação ibérica do NL em apreço resulta, em nosso entender, da circunstância de o mesmo assentar no formante onomástico **caścán**, documentado no NP **caścancetin** (H.7.1; Faria, 1995a, p. 327, 2004a, p. 305). Pode dar-se, contudo, o caso de a direcção do empréstimo ter sido a inversa, no que seria mais um NP ibérico — entre dezenas de outros — em cuja composição entraria um segmento/vocábulo de origem céltica (Faria, 2008a [2009a], p. 77).

CIRITOR. Grafito rupestre. Cueva de La Griega, Pedraza (Segóvia). Mayer & Abásolo, 1997, p. 230.

Estamos, com grande probabilidade, na presença de um NP ibérico (**ciritoí**), a segmentar em **cir-itoí** ou em **ciri-toí**.

Na primeira hipótese, consideramos pertinente a apresentação dos seguintes paralelos: **edeitoŕ** (F.20.2; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 283, 2008b [2009b], p. 151), **etaitoŕ** (Faria, 2007a, p. 176), **golbeitoŕ** (Solier & Barbouteau, 1988, p. 84; Faria, 1994a, p. 70, 2004a, p. 306), **laceitoŕ** (E.4.6; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 287, 2005a, p. 281, 2008b [2009b], p. 151), **abelgirdican** (Solier, 1979, p. 82; Faria, 1994a, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004b, p. 180), IVRCIRADIN (Albertos, 1966, p. 126; Beltrán Lloris, 1986, p. 68, 1993a, p. 855, 1993b, p. 270, n. 105; Abascal, 1994, p. 393; Faria, 2003b, p. 316, 2004b, p. 180), **tiñorcir** (C.2.3; Faria, 2004b, p. 180) e VLVCIRRIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 286, n.º 378). A estes NNP há que acrescentar o NL **ildicira** (CNH 356:1–2) (Faria, 2004b, p. 180).

Em conformidade com a segunda opção, é lícito invocar, a título de *comparanda*, **cirinabar** (Faria, 2004b, p. 180, 2007a, p. 176), ELANDORIAN (Albertos, 1966, p. 112; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1995b, p. 82, 2002a, p. 130, 2004b, p. 306), **iluntoŕ** (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002a, p. 124, 2004b, p. 307) e **osciciri** (Campmajo & Untermann, 1993, pp. 514–515; Faria, 2004b, p. 180, 2007a, p. 176).

Cobeŕŕ. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164–165.

Por responsabilidade exclusiva de Orduña (2010, p. 326), é com bastante incómodo que nos vemos de novo na obrigação de assinalar que tanto a transliteração como a subsequente interpretação de **Cobeŕŕ** como NP são da nossa autoria (Faria, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122–123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305, 2004b, pp. 180–181, 2006a, p. 116, 2007a, p. 167), não podendo, pois, ser reivindicadas por Correa (2004, p. 98, n. 82, 2008, p. 286). E o mesmo se diga, de resto, da transliteração de outros vocábulos constantes da mesma inscrição, designadamente **eguan** e **Caresi[ŕ?]** (Faria, 1997, p. 107, 2004a, p. 285). Trata-se, em nosso entender, de uma postura ilegítima, diametralmente oposta à que acabou de ser assumida por Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 100) acerca do mesmo assunto.

Resta-nos agora fazer um esforço no intuito de compreender o que terá induzido Orduña (2010, p. 326) a tentar desonerar uma tão desagradável conduta, que nos vimos na necessidade de evocar aqui resumidamente, muito poucos anos depois da sua explanação integral (Faria, 2008a [2009a], pp. 72–73).

Colon. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 343:10.

Trata-se, muito provavelmente, de um NP que ocorre como formante inicial no bitemático ibérico Γολο[ν]βυρ (Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53; Faria, 1991a, p. 192, 1994b, p. 45, n.º 175, 1995b, p. 82, 2000a, pp. 131, 132, 2001b, pp. 99–100, 2004a, p. 286). De qualquer modo, não podemos deixar de colocar a hipótese de estarmos perante a versão abreviada — ib. **colon(e)* — de **Colonos*, um NP que Delamarre acolhe no seu *corpus* de nomes pessoais pertencentes ao celta continental. Referimo-nos a COLONAE (dat.), COLON[VS] e COLONO (dat.) (Delamarre, 2007, p. 70). Dondin-Payre (2011, p. 243) entende que *Colona*, NP que identifica a filha de *Tuoticus* e de *Verca* e a irmã de *Atextus* e de *Senognatus* — quatro nomes de indiscutível filiação céltica —, configura um nome latino assonante. No entanto, o parecer expresso por esta investigadora carece de comprovação ao ter ficado por identificar o NP céltico cuja estrutura fonológica terá inspirado a criação de *Colona*. Se o primeiro componente de Γολο[ν]βυρ consistir num empréstimo do celta, hipótese que formulamos com as necessárias cautelas, é de admitir que os nomes subjacentes aos *Decknamen Colonus/-a* tenham sido **Golonos/*Golona*. Em todo o caso, afigura-se mais prudente preferir esta hipótese em favor da distinção entre ib. **golon** e celt. *colo-*.

corneli. Placa de calcário. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH* III 2 C.1.1.

Não constitui para nós qualquer surpresa que, de uma forma absolutamente ilegítima, Beltrán Lloris (2011b, p. 36, n. 95) tenha atribuído a Velaza (2003 [2004], p. 186) a identificação do *praenomen* de *Cornelius*: **[Yba?]rce** < *Marcus* (Faria, 1993a, pp. 155–156, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2004b, p. 184, 2010 [2011], p. 94). Velaza, confrontado há alguns anos com a ilicitude da sua conduta, não deixou de a reconhecer, mas apenas em mensagem electrónica a nós dirigida. Não houve lugar a qualquer palinódia pública.

Não vamos sequer especular sobre qual seria a atitude tomada por Beltrán Lloris, caso Velaza, durante os últimos sete anos, se tivesse retractado publicamente, como era sua obrigação; oportunidades não lhe faltaram, e a última acaba de ser ingloriamente desperdiçada (Velaza, 2011b, p. 91).

daści. Vaso de cerâmica campaniense. *MLH* II B.1.134.

Desde que o estudo de Ferrer i Jané (2005 [2006], *passim*) foi publicado, a transliteração **taści**, conferida ao citado grafito (*MLH* II, p. 173; Siles, 1985, p. 190, n.º 776; Correa, 1993, p. 111, 2001, p. 311; Luján, 2003, p. 233; Rodríguez, 2005, p. 38), deixou de ser viável, devendo a mesma ser substituída por **daści** (Faria, 2008a [2009a], p. 89). Deste modo, a comparação de **daści** com os NNP gauleses *TASGIVS*, *TASGILLVS* etc. (*MLH* II, p. 173; Correa, 1993, p. 111; Rodríguez, 2005, p. 38) perdeu a sua razão de ser (Faria, 2008a [2009a], p. 89), afigurando-se mais verosímil a individualização neste NP, presumivelmente fragmentário, da base onomástica céltica *das(s)*- (Delamarre, *DLG*, p. 136, 2007, p. 219; Falileyev, 2007, p. 82). Custa-nos, por conseguinte, a compreender a tentativa, protagonizada por Ruiz Darasse (2010, p. 345), de reabilitar a interpretação tradicional. No texto em causa, a autora não deixou de se referir, ainda que moderadamente, ao basilar artigo de Correa (2003), mas notámos a ausência dos imprescindíveis estudos assinados por Untermann (1969) e por Luján (2003) sobre o mesmo tema.

ebaícor. Lâmina de chumbo. La Bastida de les Alcusses (Valência). Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 148; Faria, 1992–1993, p. 278.

Há alguns anos (Faria, 2004a, p. 284), tivemos de chamar a atenção de um “amnésico” Rodríguez para a existência do NP **ebaícor** (Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 148: **kubikekor**), por nós individualizado e segmentado em **ebaí-cor** (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, p. 69, 1997, p. 108, 1999a, p. 154, 2000a, p. 136). Só recentemente veio o dito autor reconhecer a respectiva existência (Rodríguez, 2005–2006 [2009], p. 466, n. 7). Seria, contudo, esperar demasiado que, num improvável acesso de honestidade, Rodríguez anuisse a “dar o seu a seu dono”, atribuindo-nos a precedência na identificação do supracitado NP. Obviamente, neste caso — assim como, aliás, em dezenas de outros —, prevaleceu a má-fé, e tal reconhecimento, exigível no plano ético, não veio — nem nunca virá — a ter lugar.

Lamentavelmente, deparámo-nos com uma atitude não muito diversa desta em De Hoz (2010, p. 412). Este autor não hesitou em atribuir a Untermann (talvez por pudor, o “opúsculo” deste não chegou a ser mencionado) algo que nos pertence e que está devidamente documentado sem margem para quaisquer dúvidas: a transliteração do NP em causa.

E o despropósito prossegue na mesma página (De Hoz, 2010, p. 412), desta vez acerca da sequência lexical **basbidurbaítin** (Faria, 1992–1993, p. 278; Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 147: **bisudurbitetin**), mais uma prova de um — à primeira vista — insólito *modus operandi*. Este acabou de ser reencenado num artigo (De Hoz, 2011a, pp. 235, 237, n. 33), que, salvo melhor opinião, é artificioso no método “epistolográfico” e decepcionante no conteúdo. No que toca a este último, não são poucos os erros — nem todos tributários da completamente dispensável

“sexta serie vocálica” (De Hoz, 2011a, p. 229) (e.g., **aiturarkí**, citado quatro vezes) — que detectámos em meia dúzia de páginas. Basta mencionarmos aqui a quase totalidade dos NNP ibéricos que De Hoz (1981b, pp. 477–478, 2011a, *passim*) conseguiu identificar no material epigráfico de La Bastida de les Alcusses: **aituariki** (1981) / **aiturarkí** (2011), **sikiltir** (2011), **sosintike-** (2011), **urketiike-** (2011), **kani(S12)ron** (1981) / **kaniEron** (2011), **stikel** (1981) / **stikel** (2011), **ko(S12)roi** (1981) / **koEron** (2011), **(S12)rsíbe** (1981) / **ErsiW** (2011), **sakarbiś** (1981) / **sakarbiś** (2011), **(?)ltistautin** (1981) / **koltistautin** (2011), **ePWkor** (2011) e **PsbíturPWtín** (2011). Se tomarmos em devida consideração que, tal como alegámos em sucessivos artigos, estes mesmos NNP se devem transliterar como **aiTuarCi**, **siCil**, **sosinTiCef**, **urCeTiiCef**, **Caniberon**, **seCel**, **Coberon**, **berśír**, **saCarbaś**, **CuleśTauTin** e **ebařcor** (Faria, 1990–1991, 1991a, 1992a, 1992–1993, 1994a) (não cremos que **basbidurbařtin** [Faria, 1992–1993, p. 278] configure um NP), não nos parece de bom tom declarar que os elementos onomásticos por nós propostos pecam por “criterios de identificación excesivamente laxos” (De Hoz, 2007, p. 36, n. 68).

Relativamente ao método “epistolográfico”, tão-pouco se nos afigura fazer este parte de uma conduta consentânea com a que se esperaria de alguém que é detentor de um percurso académico cujo mérito jamais teremos a pretensão de aquilatar. Do que se trata aqui, tão-somente, é de deplorar a utilização, em jeito de arma de arremesso dirigida única e exclusivamente contra o autor destas linhas, de uma carta pessoal endereçada por Jürgen Untermann a Domingo Fletcher como meio de nos desapossar da prioridade científica na identificação do NP **ebařcor** e na comparação de **basbidurbařtin** com **basbidirbařtin** (G.1.1) (De Hoz, 2011a, pp. 235, 237, nn. 31, 33). Semelhante procedimento não deixaria, por certo, de indignar tanto o autor como o destinatário da carta. Não temos dúvidas em afirmar que o autor da mesma fá-lo-á a breve trecho.

Se já não é curial brandir uma carta do foro privado (ainda para mais, dirigida a outrem) no intuito de subverter as “reglas del juego de la citación científica” (Canto, 2003), bem mais preocupante é a tentativa de apropriação (a menos que haja mais alguma carta na manga) de descobertas alheias: além da transliteração **bigirtinś** (v. *supra*, p. 160), temos de aludir à correcção de **śn-** por **śi-** (De Hoz, 2011a, p. 237, n. 30) em **śntarlabitan** (Faria, 1994a, p. 70) ou, na transliteração alvi-trada por De Hoz (2011a, p. 234), **śntarlabi+nkos**.

É evidente que o tipo de comportamento acima relatado só podia desembocar num desfecho: a discussão acerca do valor fonético a atribuir a diversos signos meridionais (De Hoz, 2010, pp. 403–417, 2011a, *passim*) surge deliberadamente mutilada pela sistemática omissão dos nossos textos acerca do tema (Faria, 1990–1991, 1991a, 1992a). Em todos eles, de forma independente — por muito que tal custe a De Hoz e a outros investigadores (Faria, 2004a, *passim*, 2005c, pp. 166–167, 2008a [2009a], pp. 72–72) —, chegámos a resultados em grande medida coincidentes com os que, mais tarde, viemos a encontrar em Untermann (*MLH* III 1, pp. 140–149).

A demonstração cabal de que De Hoz passou, no espaço de poucos anos, a actuar à imagem e semelhança de Rodríguez (Faria, 2004a, p. 279) — facto que julgamos ser motivo de satisfação para ambos — reside no cotejo dos trabalhos destes dois autores com um recente estudo elaborado por Ferrer i Jané, justamente sobre a escrita meridional (Ferrer i Jané, 2010 [2011], *passim*). Logo nos damos conta de quão antagónicas se revelam as atitudes de uns e de outro. Não é, portanto, motivo para grande espanto que, como obriga a decência, Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 99) nos tenha reconhecido a autoria da identificação de **ebařcor** como NP ibérico.

Não podemos, contudo, deixar de aproveitar esta oportunidade para assinalar que, neste excelente artigo de Ferrer i Jané, sobram todas as referências que resultam das tentativas de esbulho recorrentemente perpetradas por Rodríguez, primando, por outro lado, pela ausência (Ferrer i Jané, 2010 [2011], p. 87, n. 58) as citações bibliográficas atinentes à identificação e à segmentação dos

NNP **abarcis** (Pérez Orozco, 1993a, p. 62; Faria, 1995a, p. 323, 1998, p. 237, 2000a, p. 121, 2003b, p. 313, 2004a, p. 294, 2008b [2009b], p. 145), ARANCISIS (gen.) (Faria, 2004a, p. 302) e **ildirgís** (Solier, 1979, p. 84; Faria, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 67, 70, 1995a, p. 327, 2000a, pp. 138–139, 2000b, p. 64, 2002a, p. 130, 2004a, p. 307, 2005c, p. 164, 2008b [2009b], p. 150). Também SERGETON (Ferrer i Jané, 2010 [2011], p. 87, n. 60) deve (desejavelmente de uma vez por todas) dar lugar a SERGIETON (Faria, 2005a, p. 277; Ferrer i Jané, 2005 [2006], p. 959, n. 6).

EDETA. Estela de calcário. Jérica (Castellón, Valência). Corell, 2005, pp. 61–63, n.º 19.

Desde há quase duas décadas (Faria, 1993b, p. 143) que vimos sustentando ter sido o NL EDETA (abl.) Ἠδετα (Ptol. 2.6.62) criado regressivamente a partir do NE EDETANI < *Ede (contra, Corell, 2008, p. 20, n. 17), tendo passado por idêntico processo, entre outros NNL, ORETVM/ORETANIA < ORETANI < ore (contra, Untermann, 2011a, p. 287) e TOLETVM < TOLETANI < TOLE (Jacob, 1986, p. 277, *passim*; Faria, 1987, pp. 25–26, 1988, 1993b, p. 143, pp. 7–8, 2001a, p. 214, 2003a, p. 220, 2003b, p. 326, 2005a, pp. 275–276, 2005b, p. 632, 2005c, p. 169, 2007a, pp. 165, 170). Nenhum destes textos chegou a ser referido por De Hoz (2011b), que não podia ser mais claro no propósito de omitir quem o precedeu: “[a]lgunos autores [quais?] consideram que *Edetata* es una retroformación a partir de *Edetania* (...)” (De Hoz, 2011b, p. 212); e, na página seguinte, não vislumbrámos qualquer inflexão em tal intento: “[p]arto por lo tanto, como hipótesis más plausible, de un topónimo [*Edetata*] formado sobre el étnico” (De Hoz, 2011b, p. 213). Para o caso aqui em apreciação, não assume qualquer relevância o facto de De Hoz (2011b, p. 213) ter individualizado em EDETA e em ORETVM um (para nós inexistente) sufixo ibérico *-et-*.

É de facto *Ede que está na génese do NE (latinizado) EDETANI (Faria, 1993b, p. 143), mas não podemos procurar tal NL em **eteYildir** (Silgo & Tolosa, 2000, p. 41), dada a notação da oposição de sonoridade entre oclusivas patente no texto gravado no disco de chumbo onde tal lexema se documenta (Faria, 2007a, p. 165; contra, Untermann, 2011a, p. 290). Em contrapartida, não é impossível que o NL em questão figure em **eTesilir** (F.7.1), termo que, neste caso, poderia interpretar-se como gentílico, a segmentar em **eTe-s-ilir**.

Ελερνας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há quase duas décadas que a leitura Βλερνας deve dar lugar a Ελερνας, um NP ibérico que já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbas**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (B.9.1; Faria, 1994a, p. 69, 1998a, p. 234, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001b, pp. 99–100, 2003b, p. 323, 2004a, p. 292, 2006a, p. 118, 2007a, p. 170). Não obstante, temos plena consciência de que o fantasmagórico Βλερνας, tido alternada ou sucessivamente por “autóctone”, “indígena”, “lígre” ou “liguróide” (v. agora De Hoz, 2011c, p. 41 e n. 20), irá oferecer resistência durante muitos anos, em virtude dos numerosos apoiantes que tem sabido concitar, desde os *editores principes* até Bats (2011, p. 202) e Malkin (2011, p. 166), passando por dezenas de outros. Sem fornecer qualquer explicação, Bats não inclui [N]αυαρνας entre os NNP identificadores das testemunhas mencionadas no chumbo grego de Pech Maho. Trata-se naturalmente de um NP ibérico (Faria, 1991b, p. 18, 1994a, p. 69, 2000a, p. 131, 2001b, pp. 99–100, 2002a, p. 129, 2004a, p. 292, 2010 [2011], p. 100), sendo também esta a procedência linguística dos restantes cinco, apesar do cepticismo manifestado por Bats em relação a Σεδεγων (Faria, 1994a, p. 70, 2001b, p. 103, 2002a, p. 134, 2003b, p. 327, 2004a, pp. 289–290, 2004b, p. 185, 2010 [2011], p. 98).

etoCiśa. Moedas. Localização indeterminada (Els Castellet, Mequinenza, Saragoça? [Quetglas, 2005, pp. 38–42]). *CNH* 51:96–100.

Por mais argumentos que tragamos à colação (Faria, 2005a, p. 278, 2008a [2009a], p. 74), haverá sempre quem opine que **Otogesa* constitui um NL distinto de **Etogesa*/**Etogisa* < **etoCiśa** (Curchin, 2008, p. 24, 2009, p. 72), e não uma versão deformada deste último. Por conseguinte, a tentativa de identificação do suposto elemento inicial de **Otogesa* com o que figura na mesma posição em **otoildir** (F.21.1) e em **otobescen** (*CNH* 228:1) (Curchin, 2009, p. 72) peca, a nosso ver, por ilegítima. De qualquer modo, bem mais grave do que esta diferenciação toponímica — que ao menos implica o reconhecimento da existência do NL **etoCiśa** — é a transformação da forma espúria **Otogesa* em **Otobesa* e desta em **Tibisa* (Yarza, 2010 [2011], pp. 174–177), um mais do que provável NP, ao qual dedicámos recentemente algumas linhas (Faria, 2008b [2009b], pp. 153–154).

Infelizmente, a frágil argumentação esgrimida por Yarza no sentido de rebater a nossa proposta cai por terra ao respaldar-se em exclusivo numa monumental falácia:

Sin embargo, actualmente la lectura *etogisa* [sic] de estas dracmas no es admitida por casi nadie, ya que numerosos e importantes autores (...) recogen la lectura de las dracmas como *bastokisa* [sic] (Yarza, 2010 [2011], p. 175).

Creemos que Yarza, ao socorrer-se de uma argumentação *ex cathedra* (alheia) com vista a refutar a transliteração que já vem de Gómez-Moreno, está a negligenciar a capacidade de os seus leitores resistirem a dogmatismos, que são, por natureza, tradicionais inimigos do conhecimento científico.

Ao contrário do que preceitua Yarza, não é nem a quantidade nem a inquestionável relevância dos autores por ele citados — e por nós (Faria, 2005a, p. 277) antes dele — que transmutam, como que por artes mágicas, **etoCiśa** em **bastoCiśa**. Ora, configurando **bastoCiśa** uma “mala lección de *etogisa*” (Tovar, 1951, p. 295) nenhuma utilidade pode ser reconhecida, no plano heurístico, a afirmações do tipo “la lectura *Etogisa* [sic] de las dracmas ibéricas es muy discutible” (Yarza, 2010 [2011], p. 176).

Caso quisesse desmontar a nossa proposta de identificação toponímica, o único recurso que estaria à disposição de Yarza, conquanto de validade algo remota, consistiria em tentar descobrir um novo significado para a legenda monetária em questão. Neste sentido, não pode ser liminarmente descartada a interpretação de **etoCiśa** (daí a nossa preferência actual por esta transliteração, mais conservadora, em prejuízo de **etogíśa**) como NP céltico, **Et(t)ocissa*, formado por *etto-* ou *eto-* (Delamarre, 2007, p. 221) e por *cisso-* (Delamarre, 2007, p. 216). Em última instância, uma relação etimológica do segundo membro com a base derivacional formadora do ND gaulês GISACO (dat.) (Lacroix, 2007, p. 133; Delamarre, 2007, p. 104) não será, tão-pouco, de descartar.

Recorde-se que, há alguns anos, formulámos uma proposta muito semelhante a esta em termos teóricos, quando, em alternativa à interpretação da legenda monetária **baCarTaCi** (Villaronga, 1998, p. 125, n.º 303) como transmissora do NL **Bagar(a/o)*, do qual derivaria o gentílico BAGARENSIS (TSall) (Faria, 2004b, p. 177, 2007a, p. 166), alvitramos a hipótese de a mesma corresponder a um NP céltico, **Macartagios*, composto por *macar-* (Evans, 1967, pp. 364–365; Prósper, 2002, p. 185; Delamarre, *DLG*, p. 212, 2007, p. 225) e por *tago-* (Delamarre, *DLG*, pp. 431, 438, 2007, p. 233), vigorando este último segmento em diversos NNP, entre os quais TAGOMAS (Delamarre, 2007, pp. 176, 233; Bowman, Thomas & Tomlin, 2010, pp. 191, 207–209; Birley, 2011, pp. 266, 269). Nenhuma destas duas hipóteses foi contemplada por López Sánchez (2010 [2011], p. 606), que, ao introduzir uns parênteses espúrios em **baCarTaCi**, provocando assim uma subtil distorção na transliteração correcta, determinou que “las series (*Ba*)*kartaki* deben ser entendidas como acuñacio-

nes pro-romanas de Kartalías-Arse”. À mesma conclusão parece ter chegado Ferrer Maestro (2010 [2011], p. 566, n. 38), que, em contrapartida, não hesitou em optar pela leitura que mais convinha aos seus propósitos, suprimindo de vez o incómodo silabograma inicial: *kartaki*. Sucede, porém, que a transliteração ajustada da legenda em causa é indubitavelmente **baCarTaCi**, e esta, tal como, de resto, **CarTaCi**, jamais poderia veicular o NL *Qartalya* (*uel sim.*).

A propósito de **afse** e do componente final de TAGOMAS, refira-se que há uma outra legenda monetária, tida normalmente como identificadora de um NP ibérico, que poderia, em alternativa a semelhante exegese, ser contextualizada por inteiro no âmbito linguístico céltico; trata-se de **aiubas** ou de **aidubas** (CNH 308:31–32), NP passível de incluir, além do segundo membro de TAGOMAS, os elementos *aiu-* (Delamarre, *DLG*, p. 36, 2007, p. 210) ou *aidu-* (Delamarre, *DLG*, pp. 35–36, 2007, p. 210). Esta interpretação sai reforçada pela ocorrência do segmento **bas** em vez de **baś**, este último bastante difundido na antropónimoia ibérica.

Retomando o artigo assinado por Yarza, convém salientar que jamais reconhecemos a existência de uma cidade denominada **Otogesa*, mas apenas a de **etoCiśa**, pelo que não podemos aceitar o teor da seguinte afirmação: “[s]e puede argüir, como hace Faria, que *Otogesa* [*sic*] e *Otobesa* [*sic*] fueran poblaciones diferentes (...)” (Yarza, 2010 [2011], p. 176).

Curiosamente, a deturpação vocálica *oto* < *eto* que ocorre em **Otogesa* < **Etogesa*/**Etogisa* < **etoCiśa** verifica-se no sentido inverso em Ἰτόβησα (Ptol. 2.6.62) < **otobés*/**otobesa* (Caro, 1954, p. 715; Faria, 2005a, p. 279). As dezenas de corruptelas que mancham indelevelmente a tradição manuscrita do relato geográfico ptolemaico relativo à Hispânia (mencionemos, entre a copiosa bibliografia produzida com maior ou menor profundidade sobre a questão, Gómez Fraile, 1997, pp. 199–201, 204–205, 218–238, 2001 [2002], p. 77–78, 81–84, 93, n. 68) não serviram de óbice a Yarza (2010 [2011], pp. 175–184) no seu intento de justificar o injustificável: a imaginada evolução toponímica **Otogesa* > **Otobesa* > **Itobisa* > **Tibisa*.

Importa assinalar, a respeito de **Otobesa*, que, ao arrepio do que era nossa convicção (Faria, 2008a [2009a], p. 74), a prioridade na individualização de um mesmo formante, **oto**, em **otoildir** e em **otobescen** não nos cabe a nós (Faria, 1995a, p. 327) — nem, muito menos, a Luján (2007, p. 63) ou a Curchin (2008, p. 24, 2009, p. 72) — mas a Fletcher (1984, p. 409); nesta ocasião, estamos apenas em condições de reivindicar o relacionamento de **oto** com OTON (em BILOSOTON: *HEp* 8, 297). Este é mais um exemplo a adicionar a outros elementos onomásticos ibéricos aparentemente terminados em nasal que, precedendo oclusiva — nem sempre labial (*contra*, Correa, 1999, p. 381; Ballester, 2001, p. 291) —, figuram sem a mesma como membros iniciais de compostos: **adi** < **adin**, **aiu** < **aiun**, **ata** < **atan**, **bodo** < BODON < **bodon*, **eto** < ETON < **eton*, **ildu** < **ildun**, **tarti** < **tartin** e **uni** < **unin** (Faria, 2002b, p. 234); temos agora por menos plausível que **suba** (em **subaCe**) se relacione etimologicamente com o ND XVBAN e ateste a síncope de /n/ (Faria, 2008a [2009a], pp. 83–85).

Ainda acerca de **Otobesa*, ao tratar-se de um NL ibérico, não vemos qualquer necessidade de identificar uma cidade homónima sita na metade ocidental da Península (*contra*, García Sánchez, 1999, pp. 95–100; De Hoz, 2002 [2003], p. 163, n. 22; Navarro, 2011, p. 119; Marcos, 2011, p. 175: *Octebesanus* [*sic*]). Por outras palavras, até que sejam apresentadas provas em sentido contrário, só há uma cidade denominada **Otobesa*. É certo que a inscrição *CIL* II 829, um epitáfio dedicado a *L(ucius) DOMIT<I>VŞ T(it)i F(ilius) G’AL’(eria tribu) VETTO OTOBESA’NV’Ş*, achada em Oliva de Plasencia (Cáparra, Cáceres), tem servido de argumento a quem pretende ter descoberto uma segunda (ou uma terceira) **Otobesa* hispânica, desta vez na Lusitânia/Vetónia (De Hoz, 2002 [2003], p. 163, n. 22; Navarro, 2011, p. 119). Vale a pena, porém, atentar no facto de, em *Saguntum*, cidade por sinal não muito distante de **Otobesa*, o *cognomen* *Vetto* estar documentado por duas vezes (Abascal, 1994, pp. 543–544; Navarro, 2011, p. 119). Não obstante, ninguém se atreveria a invocar a dupla ocorrên-

cia do dito *cognomen* em *Saguntum* com vista a fundamentar a localização na Vetónia desta importante cidade portuária.

Por outro lado, não pode ser esquecida a circunstância de o supracitado *L. Domitius* pertencer à tribo Galéria, sendo que não se conhece qualquer cidade privilegiada da Lusitânia oriental cujos cidadãos tivessem sido adscritos a tal tribo. Em contrapartida, como é sabido, a Galéria foi a tribo na qual foram arrolados os habitantes de diversas cidades do litoral da Tarraconense no momento em que foram promovidas estatutariamente por César e Octaviano/Augusto (Wiegels, 1985, pp. 162–163).

A sugestão de Rodríguez (2002 [2003], p. 266), agora partilhada por Orduña (2011, p. 132), no sentido de encarar o elemento onomástico **oto** (provavelmente **oton**) como variante de **bodo** (provavelmente **bodon**) não tem grande fundamento, dada a ocorrência de oposição de sonoridade entre as oclusivas dentais em presença (Faria, 1995a, p. 327, 2002b, p. 234, 2004a, p. 298).

ⲚⲓⲘⲔⲔⲔ. Moedas. **ildi(r)cira*/**ilduǰcira* (Orcera, Jaén). CNH 356:1–2.

Apraz-nos registar a tenacidade de reputados investigadores como Untermann (2010, p. 345) ou De Hoz (2010, p. 469 e n. 799), que, ao invés de Correa (2009a, p. 283, n. 57) ou de Ferrer i Jané (2010 [2011], pp. 78, n. 13, 87), dois iberistas não menos ilustres do que aqueles, ainda hoje se recusam sequer a invocar **ildicira**, a nossa transliteração, velha de vinte anos (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2001b, pp. 100–101, 2003a, pp. 220–222, 2003b, p. 324, 2004b, p. 180, 2005c, p. 169, 2007a, pp. 171–172, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], pp. 77–78, 2009 [2010], p. 165), aventando para a presente legenda toponímica leituras tão sugestivas quais **iltiterka** (Untermann), **iltitirka** ou **iltikirka** (De Hoz). Esta última é, a par de **iltikiaka**, igualmente preconizada por Correa (2009a, p. 283, n. 57). Ferrer i Jané (2010 [2011], p. 78, n. 13), por seu lado, tão-pouco refuta **ildigirga**, mas prefere **ildigira**. Esta é também a solução para que propende Rodríguez (2007 [2008], p. 93), o qual, descendo mais um degrau a caminho do mais dissoluto aviltamento moral, esconde dolosamente o nome de quem o precedeu na dita transliteração.

Ao contrário do que se possa pensar, não é o autor destas linhas a única vítima do repulsivo comportamento de Rodríguez. Atente-se na tentativa de usurpação a Villaronga (1979, p. 168, CNH, p. 209) da leitura do segundo signo da legenda monetária **sesaís**, há pouco denunciada por Untermann (2011a, p. 289, n. 33). Dado o impressionante “currículo” de Rodríguez, cremos que só por ironia Untermann poderá declarar que a exclusão dos trabalhos de Villaronga resulta da ignorância de quem os omite.

A legenda toponímica que encabeça a presente entrada foi ainda alvo da atenção de Villar (2011, pp. 574, 586, 587), que decidiu prolongar o prazo de validade da transliteração **iltiraka**. Tal decisão não é mais do que um erro — entre vários — provocado por um profundo desinteresse pela bibliografia alheia, igualmente manifesto na invenção de dois NNL, *Contrebia Argaela* (Villar, 2011, p. 583) e **ilubelse** (Villar, 2011, p. 577).

Na sequência do que temos escrito acerca de **ildicira**, resta-nos assinalar que Correa (2011b, p. 110, n. 33) acaba de elencar, com preocupações de exaustividade, todos os testemunhos do signo Ⲛ (<a>). No entanto, além de ter omitido as inscrições F.9.2 e H.3.1 (*MLH* III 1, p. 248, *Tabelle* 3), Correa esqueceu-se de referir que é com este mesmo grafema que finaliza a legenda monetária em análise. Assim sendo, o desenho do referido signo que vem reproduzido no CNH (p. 356: Ⲛ) é desmentido pela autêntica configuração do mesmo, tal como se apresenta na irrepreensível foto do exemplar CNH 356:1, anexa à respectiva catalogação.

Como bem lembra Correa (2011b, p. 110, n. 33), uma das raras atestações do signo Ⲛ pode ser encontrada na legenda monetária **labini**. Importa reter que esta transliteração, cuja paternidade

Curchin (2010, pp. 17–18) deixou por outorgar (Faria, 2006b, 2007b, pp. 220–221; Rodríguez, 2006 [2007]), foi entendida pelo mesmo autor como uma versão abreviada de **Labinion* no intuito de sustentar com maior facilidade uma etimologia céltica ou genericamente indo-europeia para o dito NL. Tal perspectiva não poderia senão redundar na omissão dos diversos *comparanda* que ocorrem em ibero (Faria, 2007b, pp. 220–221).

***Ilubaria** < ILVBARIENSIA. Ara funerária. *Mentesa Bastitanorum* (La Guardia, Jaén). *CIL* II²/5, 11.

Em duas ocasiões (Faria, 2006a, p. 120, 2009 [2010], pp. 163–164), vimo-nos na obrigação de chamar a atenção de Untermann para o facto de a autoria da identificação de **Ilubaria* com *Baria* (Villaricos, Almeria) nos pertencer. Não obstante, Untermann (2011a, p. 287) insiste em ocultar a nossa responsabilidade no estabelecimento de uma tal correspondência toponímica, reclamando-a para si.

iubeba+ate. Bloco de pedra. Ensérune (Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Apesar de termos advertido, em diversos artigos, para a ilegitimidade da transformação de **iubeba+ate** em **iubebarete** (Faria, 2002a, p. 127, 2005a, p. 168, 2007a, p. 172), chegou agora a vez de Velaza (2011c, p. 302) cometer semelhante erro.

lauru+[---?]. Lâmina de chumbo. Monteró (Camarasa, Lérida). Camañes & *alii*, 2010, p. 238.

Os editores desta peça alvitram **laururce** como uma das possíveis restituições do presente NP, eludindo o facto de **urce** não estar até agora comprovado como segundo membro de composto. Partindo do pressuposto de que é um <rt> o grafema que surge incompleto no final da sequência, a comparação com **ildurca** < **ildu-urca* (Faria, 1995a, p. 327) leva-nos a postular, com as devidas ressalvas, **laururca** como uma restituição mais plausível do que aquela que foi alvitrada pelos autores citados.

De qualquer modo, nada impede que seja **laurur** o NP completo (Faria, 1995a, p. 326), sobretudo na eventualidade de o segmento **ur** estar documentado em pelo menos um dos seguintes NNP (sendo bastante escassa a probabilidade de tal se verificar nos dois últimos): **belešur** (Faria, 1996a, p. 177, 1999a, p. 154, 1999b, p. 277, 2007a, p. 167, 2007b, p. 214), **etešur** (C.2.4) (Faria, 2010 [2011], p. 100), **uralašcar** (C.1.6; Rodríguez, 2002a [2003a], p. 38; Moncunill, 2010, p. 131; Faria, 2010 [2011], p. 100), **lurtibes** (C.2.4; Faria, 2010 [2011], p. 102) e **lurtabif** (Aquilué & Velaza, 2001, p. 282; Faria, 2010 [2011], p. 102). Não menos verosímil é a comparência do dito elemento ibérico na toponímia, caso acolhamos as conclusões a que chegou Ballester (2010a, pp. 149–154) no estudo acerca do NL *Vrbiaca*. Regressando à antroponímia, idêntico segmento poderia ocorrer em **urCail**/VRCHAIL e em **urCailbi** (Faria, 1995a, p. 326), sobretudo na eventualidade de **Cail**/CHAIL poder identificar-se quer com o NP ibérico (abreviado?) **Cail** (Velaza, 1991, p. 85, n.º 310), quer com o segundo componente do *cognomen*, igualmente de filiação ibérica, ENNAGAEL (Velaza *apud* Corell, 2009, p. 254); não é garantido, porém, que aqueles NNP possuam efectivamente uma origem ibérica (Faria, 1993a, pp. 154–155, 2000a, p. 141, 2010 [2011], p. 100). De resto, em função das novas interpretações que, nesta e noutras crónicas vindas a lume nos últimos anos, temos conferido a determinados NNP atestados na epigrafia meridional, mormente em legendas monetárias, será difícil contrariar a tentação de analisar **urCailbi** como iberização ou abreviação — **urCailbi(os)* < **Urcaillbios* — de um NP céltico continental composto por *uer-* (Prósper, 2005, p. 214, 2008, p. 74, n. 1; Vallejo Ruiz, 2005, pp. 459–461), *cailo-* (Delamarre, *DLG*, pp. 97, 158, 2007, p. 214; Matasović, 2009, pp. 197–198) e *bio-* (Delamarre, *DLG*, p. 75, 2007, p. 213) ou *bi(u)-* (Delamarre, *DLG*, p. 77, 2007,

p. 213). Em todo o caso, podem ser invocados em desfavor de uma tal interpretação alguns NNP de filiação não-indo-europeia terminados pelo morfema *-bi*, nomeadamente **biurbi** (CNH 434:3-5; Faria, 1990–1991, p. 84, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002a, p. 135, 2004a, p. 280) e **sisbi** (Solier & Barbouteau, 1988, p. 81 e n. 74; Faria, 1992a, p. 44). No entanto, ainda que **urCail/VRCHAIL** e **urCailbi** remetessem para o ibero, pode descartar-se sem grandes problemas a segmentação dos mesmos em **urCa-il/VRCHA-IL** e **urCa-ilbi**, que tem vindo a ser ilegitimamente advogada com base numa leitura errónea deste último (**urcaildu**) – agora acolhida sem qualquer discussão por De Hoz (2010, p. 406) – e no subsequente cotejo com VRCHATETELLI (dat.) (CIL II 2967) (*contra*, Albertos, 1966, p. 276; MLH I 1, p. 337; Faria, 1993a, pp. 152–153; Quintanilla, 1998, pp. 185, 252; Villar, 2005a, p. 501; Gorrochategui, 2006, p. 133; Pérez Orozco, 2007, p. 103; Jordán, 2008, pp. 24–25; Ballester, 2009, p. 29; Luján, 2010, p. 292; Ferrer i Jané, 2010 [2011], p. 79, n. 20).

lecarco. Vaso de cerâmica (“Vaso de los Letreros”). San Miguel de Liria (Valência). MLH III 2 F.13.3.

Orduña (2011, p. 141) chamou a si a autoria da identificação de **lecarco** enquanto NP ibérico, dando igualmente a entender que a respectiva segmentação como **lecar-co** seria da sua responsabilidade (Faria, 1991a, p. 191, 1994a, p. 67, 1997, p. 107, 1998, p. 236, 2002a, pp. 133, 135, 2004a, p. 307). Apraz-nos registar que ambos os lapsos, em mensagem electrónica que nos foi dirigida, foram reconhecidos pelo autor, tendo a verdade dos factos sido respeitada noutra local (Orduña, 2010, p. 323, n. 7), ainda que com omissão da referência ao nosso trabalho mais antigo sobre o tema (Faria, 1991a, p. 191).

Em todo o caso, cumpre-nos acrescentar que Orduña tão-pouco esteve acertado noutros excertos do mesmo texto (Orduña, 2010, pp. 132, 134), ao outorgar a terceiros a precedência na individualização de **ban** como elemento onomástico ibérico (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 66, 70, 1995a, p. 326, 2000a, p. 130, 2004, p. 278, 2008b [2009b], p. 148).

leitigeur. Vaso de cerâmica ática (verniz negro). La Illeta dels Banyets (Campello, Alicante). López, 2010, p. 280.

Do nosso ponto de vista, pouco ou nada se ganha com a leitura do artigo de López, que atribui o vaso em causa a dois proprietários distintos, um de nome ibérico e o outro de nome grego, ambos (significativamente) abreviados. Exceptua-se, naturalmente, a reprodução fotográfica do grafito em análise, que permitiu à autora do estudo descartar a interpretação anterior (**leitir**). Esta baseava-se apenas no reconhecimento dos primeiros cinco caracteres greco-ibéricos, quando ainda era ignorada a circunstância de o grafito se encontrar distribuído por dois fragmentos cerâmicos.

Dados os problemas colocados à interpretação do presente NP (segmentar-se-á em **lei-tige-ur?**), limitar-nos-emos a fornecer os diversos *comparanda*, alguns deles discutíveis, para **lei**, que é indubitavelmente o segmento com que o mesmo se inicia: **leibiur** (Faria, 2004b, pp. 183–184, 2008a [2009a], p. 79), [L?]EIHAR (Faria, 2004b, p. 184), **leiscer** (Faria, 2004b, p. 184), **leisir** (Faria, 1993a, pp. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001b, p. 99, 2004a, p. 298, 2007a, p. 173, 2007b, p. 214) e **leitas** (Faria, 2008a [2009a], p. 79).

Para López (2010, p. 280), que reduz, sem quaisquer cautelas, dezenas de formantes onomásticos (todos eles, talvez por mera casualidade, dotados de oclusivas velares surdas) à categoria de meras variantes de uma privilegiada (mas não identificada) meia dúzia, **lei** e **leis** constituem um só elemento. Talvez um dia, quando a língua ibérica deixar de ser o enigma que ainda hoje persiste em ser, venha a provar-se que assim é; por enquanto, os indícios que vamos conhecendo persuadem-nos a tomar uma atitude mais prudente: **lei** e **leis** devem ser considerados segmentos distintos (Faria, 2004b, p. 184).

liCine. Mosaicos. La Caridad (Caminreal, Teruel). *MLH* III 2, E.7.1 = *MLH* IV, K.5.3; **Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991–1992, pp. 365–357; *MLH* IV K.28.1.

Já escrevemos tudo o que nos pareceu pertinente a propósito deste NP (Faria, 2000a, pp. 123–124). Não obstante, cremos que vale a pena recordar os autores que, previamente a Beltrán Lloris, admitiram ser **liCine** a iberização do NP *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995b, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994a, p. 68, 1997, p. 109, 2000a, p. 123). Disponibilizamos novamente (Faria, 2005a, pp. 281–282) esta informação bibliográfica, porque Beltrán Lloris (2011a, p. 141) teima em omiti-la, não se eximindo, tão-pouco, de elidir, na mesma oportunidade, o nome de quem, antes dele (e de Untermann), demonstrou que **liCine** jamais poderia ser a transliteração ibérica de *Licinius* (Faria, 1993a, p. 157). Tal como Beltrán Lloris, também Barrandon (2011, pp. 171, 340, n. 64) decidiu enveredar pela via do sistemático escamoteamento bibliográfico no que toca ao autor destas linhas, dando, neste caso, a Untermann o que não lhe pertence.

Aliás, quando reconheceu que **liCine** não poderia ser o resultado da iberização de *Licinius* (*MLH* IV, p. 649), Untermann fez uso da argumentação que havíamos aduzido alguns anos antes (Faria, 1993a, p. 157), mas o nosso texto também ficou por citar.

Erra também Beltrán Lloris (2011b, p. 141) ao asseverar que faltam paralelos ibéricos para **liCine** (Vicente & *alii*, 1991, p. 122, 1993, pp. 755–756; Faria, 1992b, p. 193, 1993a, p. 157). As dúvidas de Vicente & *alii* (1993, p. 755) relativas à existência de paralelos onomásticos ibéricos para **liCine** são, na nossa perspectiva (Faria, 1992b, p. 193, 1992–1993, p. 278, 1993a, p. 153, 157, 1997a, p. 109), destituídas de fundamento; recordemos aqui os NNP ibéricos, alguns deles de análise polémica, que mais se aproximam de **ligine**: **becongine** (F.20.1), **betugine** (F.17.2), **leibiur** (Faria, 2004b, pp. 183–184, 2008a [2009a], p. 79), [L?]EIHAR (Faria, 2004b, p. 184), **lei(i)scer** (Faria, 2004b, p. 184), **leisif** (Faria, 1993a, pp. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001b, p. 99, 2004a, p. 298, 2007a, p. 173, 2007b, p. 214), **leitaś** (Faria, 2008a [2009a], p. 79), **leitigeur** (v. *supra*, p. 171), **leitir** (G.9.5), **liCor** (E.1.396) e **tigirsgine** (A.6.13) (Faria, 1993a, p. 153). A estes NNP haverá provavelmente que adicionar o NL **lagine** (Tovar, 1989, p. 461).

Convém de igual modo referir um outro exemplo do NP **liCine**, desta vez gravado num grafito sobre campaniense B, cuja leitura inicial, **ligie**, fornecida por Bonet & Mata (1989, p. 142), foi corrigida por Silgo e Pérez Vilatela (Pérez Vilatela, 1992, p. 352 e p. 354, Fig. 2), num trabalho lamentavelmente omitido quer por Beltrán Lloris (2011b, p. 141 e nn. 11 e 14 [nesta esta última nota, a propósito da interpretação de **egiaf**]), quer, segundo parece, pelo seu informador, I. Simón. Tanto o local de achamento – Valência – como a natureza do suporte tornam altamente inverosímil que **liCine** designe um Celtibero. Tão-pouco será aceitável que, numa cidade povoada sobretudo por imigrantes da península itálica, um destes inscrevesse num objecto de carácter privado o seu nome em escrita e língua ibéricas (*contra*, Pérez Vilatela, 1992, p. 352); tudo se conjuga, pois, para que o NP em causa, nas três ocorrências até agora documentadas, seja efectivamente ibérico – **ligine** – ou, em último caso, latino – *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995b, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994a, p. 68, 1997, p. 109, 2000a, p. 123).

ocanaca. Chumbo monetiforme (moeda?). **Ocanaca* (localização indeterminada). Casariego, Cores & Pliego, 1987, p. 4, n.º 3 e 4.

Em conformidade com a ordem de preferência acertadamente estabelecida por Correa (2002a, p. 134) – prioridade concedida ao testemunho epigráfico ou numismático sobre o literário e ao latino sobre o grego –, *Κάνακα* (Ptol. 2.4.10) (Correa, 2002a, p. 134) deve dar lugar a **ocanaca** (Faria,

1996b, p. 229, 1999a, p. 156, 2003a, p. 224, 2003b, p. 325, 2008a [2009a], pp. 79–80). Ora, considerando *Kávaka* numa corruptela de **ocanaca** — fenómeno vulgaríssimo, como é bem sabido, na tradição manuscrita ptolemaica —, não se justifica que a vogal inicial seja encarada como um prefixo (*contra*, Orduña (2011, p. 141) ou como uma insanável inconsistência a separar ambos os testemunhos (*contra*, De Hoz, 2010, p. 323, que, como era expectável, omite os nossos textos), quando, afinal, somente um deles — o chumbo monetiforme — se mostra digno de crédito.

SETTAL(us?). Moedas. *Ilici* (La Alcudia, Elche, Alicante). *APRH* 196–197.

Há mais de vinte anos que havíamos classificado SETTAL como um *cognomen* de filiação ibérica, não-abreviado, dada a pertinência, dificilmente questionável, da associação que estabelecemos entre este e o presumível NP **setaliCe** (F.17.2) (Faria, 1994a, p. 68, 1994b, p. 46, n.º 204). Neste momento, porém — independentemente da bondade da relação de parentesco que cremos ter descoberto entre SETTAL e **setaliCe** —, entendemos que é mais razoável incluí-lo na onomástica céltica, uma solução que já havia sido preconizada por Albertos (1966, p. 206), que se apoiava numa leitura errada (SETAL), ao analisar o NP em apreço como um derivado do radical *set-*. Pensamos, no entanto, que não será esta a exegese mais adequada, devendo SETTAL abreviar SETTAL(us), um NP composto que resulta da combinação das bases célticas *sed-* (Evans, 1967, pp. 253–254; Delamarre, 2007, p. 231; Falileyev, 2007, p. 124) e *talu-* (Evans, 1967, pp. 259–260; Vallejo Ruiz, 2005 [2006], p. 125; Delamarre, 2007, p. 233). É precisamente na contiguidade dos fonemas /d/ e /t/ que reside a explicação para a geminação que se verifica em SETTAL(us), a exemplo do que sucede com numerosos NNP dotados do prefixo intensivo *ad-*, designadamente ATTACCONI (dat.) (**Ad-tacco-n*), ATTAIORIG(is) (gen.) (**Ad-tāio-rīx*) (Delamarre, 2007, p. 31), ATTALVS (**Ad-talu*), ATTAVILLA (**Ad-tauilla*), ATTECIVS (**Ad-tecu-*) (Delamarre, 2007, p. 32; Falileyev, 2007, p. 48), ATTIENI (gen.) (**Ad-tēno-*) e ATTIGANVS (**Ad-tīg-ano-*) (Delamarre, 2007, p. 32). Como é evidente, a geminação que ocorre no supracitado ATTAIORIG(is) (gen.) (**Ad-tāio-rīx*) não se verifica no NP celta correlato deste, conhecido em escrita ibérica, **ataio** (Ferrer i Jané, 2005 [2006], pp. 964, n. 35, 966, n. 46) **Attaios* < **Ad-tāios*. A base *tāio-* comparece também em **celtaio** (Ferrer i Jané, 2005 [2006], pp. 962, 967, n. 52) < **Celtaios*, outro NP de ascendência integralmente céltica.

A argumentação esgrimida por Llorens (1987, p. 36) no sentido de interpretar SETTAL como *cognomen* completo não nos parece procedente. Assevera esta numismata que “SETTAL (...) deve estar completo porque también lo está el *cognomen* [CELER] de su colega”. Independentemente da existência de exemplares que, ao exibirem a abreviação CEL(er) (*APRH* 196a), desmentem a asserção citada, se tal raciocínio fosse válido, teríamos de encarar igualmente como completo o *nomen* SESTI, pertencente ao colega de **Settalus*, que estaria em conformidade com IVLIVS, correspondente ao *nomen* deste último.

siCaai. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:9.

Muito embora tenhamos vindo, desde há muito, a advogar a pertença de **siCaai** à antroponímia turdetana (Faria, 1990–1991, p. 81), uma atribuição linguística a que Correa (2009b, p. 305, n. 67) aderiu dubitativamente, não pode, em alternativa, ser posta de parte a possibilidade de o NP em causa ser analisável no contexto do celta continental. Com efeito, em **siCaai**, tal como, de resto, em SICAE (dat.) (*CIL* II 169; Faria, 1993a, pp. 156–157, 2001a, p. 208; Abascal, 1994, p. 511; Vallejo Ruiz, 2005, p. 400), não se vislumbra o mínimo vestígio do idioma ibérico (*contra*, *MLH* I 1, p. 338; Quintanilla, 1998, pp. 135–136; Rodríguez, 2002b [2003b], p. 267).

Neste sentido, é nosso entendimento actual que **siCaai** deverá configurar a expectável iberização de **Sicaios* ou **Sigaios*.

Esta interpretação surge legitimada pela comparação com outros NNP célticos ou, *grosso modo*, indo-europeus, tais como SICAE (dat.) (*CIL* II 169; Faria, 1993a, pp. 156–157, 2001a, p. 208; Abascal, 1994, p. 511; Vallejo Ruiz, 2005, p. 400), **siCeia** (K.1.3; Untermann, 1996, p. 153; *MLH* IV, p. 599; *MLH* V 1, p. 333; Vallejo Ruiz, 2005, p. 400), SICIATV (Delamarre, 2007, p. 168), SICOGNINVS (Vallejo Ruiz, 2005, p. 400; Delamarre, 2007, p. 168), SIGARRIVS, SIGENI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 168), SIGERVS (Abascal, 1994, p. 511) e SIGILIVS (Delamarre, 2007, p. 168). Também **etesíCe** (E.1.124) poderá documentar um NP celtibérico (Correa, 2001, p. 306, n. 9), forçosamente decomponível em **ete-síCe**. Do nosso ponto de vista, contudo, deve ser reconhecida no NP em questão uma matriz ibérica, caso a segmentação adequada seja **etes-iCe** (Faria, 2002a, p. 130). Nada indicia que o mesmo se divida em **ete(r)-síCe** (*contra*, Rodríguez, 2002b [2003b], pp. 261, 267), porquanto, até agora, o pretense formante final vislumbrado por Rodríguez não se encontra documentado na onomástica ibérica.

Afigura-se-nos bem menos provável que **siCaai** se relacione com a raiz hidronímica proto-indo-europeia **s(e)ikʷ-*, que vem sendo detectada em diversos potamónimos hispânicos e gauleses (Galmés, 2000, p. 11; Prósper, 2002, p. 153; Moralejo, 2008, pp. 227–228; Curchin, 2009, p. 70). Tão-pouco se vislumbra qualquer conexão com outra possível raiz hidronímica (caso não se trate da mesma que acabámos de referir), **sik*, de putativa proveniência ibérica, recentemente examinada por Ballester (2010b, *passim*).

SISIREN(*us?*). Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 350:66.

Correa (2001, p. 312), alguns anos antes de o transformar em SISIREM (Correa, 2009a, p. 282), incluiu SISIREN num grupo de onze NNP gravados em moedas de quatro cecas hispânicas meridionais (*Iliberri*, *Obulco*, *Abra* e uma outra de nome desconhecido), “cuyo iberismo no es demostrable, pudiendo ser turdetanos o de otro origen”. Julgamos, porém, ter comprovado, ao longo deste e de outros textos, na esteira de vários autores, a procedência céltica ou ibérica de que quase todos os NNP elencados por Correa. O único que escapará com maior probabilidade a alguma destas origens linguísticas será [...]IHS[A...] (Faria, 1994b, p. 45, n.º 181), MIHSAM (Correa, 2001, p. 312) ou MIIHSAM (*MLH* I 1, p. 338), NP que julgamos ser integrável na antroponímia líbico-berbere, já representada no Sul peninsular, mais precisamente na província de Cádiz (Correa, 2009a, p. 287). Não será este, decerto, o caso de SISIREN. Efectivamente, à luz das considerações que temos expandido acerca da antroponímia constante das moedas produzidas nas supracitadas cecas, vimos propor a atribuição do dito NP à onomástica céltica continental. Desta sorte, cremos que nada obstará ao entendimento de SISIREN como abreviação de **Sisirenus* < **Sisirenos*, à imagem do que poderá ter sucedido com **TuiTuiboren** (*CNH* 346:36–37) < **TuiTuiboren(os)* < **Duituborenos* / **Duitumorenos* / **Tuiduborenos* / **Tuidumorenos* (Faria, 2009 [2010], p. 167). Seguidamente, deixamos consignados alguns NNP que abonam a pertinência da interpretação que acabámos de conferir a SISIREN(*us?*): AIDRENI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 15), AMBIRENVS (Raybould & Sims-Williams, 2009, pp. 22, 226), ANDEREN(*us*) (Delamarre, 2007, p. 21), ASSORENI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 29), ATVRENI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 33), CAMVRENO (dat.) (Delamarre, 2007, p. 55), MANERENVS (Delamarre, 2007, p. 125), OSTORENO (dat.) (Delamarre, 2007, p. 146), SISI (Villar, 2000, p. 343 e n. 27; Meid, 2005, p. 288; Falileyev, 2007, p. 131), SISIATA (Villar, 2000, p. 343 e n. 27; Falileyev, 2007, p. 131), SISIMIO (Canto *ad HEp* 5, 724), SISIMIRIVS (Villar, 2000, p. 343 e n. 27), SISINAE (gen.) (Delamarre, 2007, p. 169), [S]ISIONIS (gen.) (Meid, 2005, p. 288), SISIQ[V?] (*CNH* 351:72; Faria, 2000a, p. 139), SISIV (Villar, 2000, p. 343 e n. 27; Meid, 2005, p. 288; Delamarre, 2007, p. 169) e SISIVS (Villar, 2000, p. 343 e n. 27).

tartoloicetabañi. Cerâmica. Puig de Sant Andreu (Ullastret, Gerona). *MLH* III 2 C.2.19.

A leitura da sequência em causa, que anteriormente se transliterava como **bartoloicetabañi**, pertence a Ferrer i Jané (2005 [2006], p. 967, n. 52). Em alternativa à interpretação de **tartolo** como NP ibérico composto por **tar** e por **tolo(f)** (Moncunill, 2010, p. 120), vimos agora sugerir a individualização de um NP céltico iberizado, **Tartolo(u)icos*, constituído pelos radicais *tarto-* (Delamarre, 2007, p. 233) e *louico-* (Delamarre, 2007, p. 225). Menos verosímil, mas não de todo impossível, é que aquela primeira base ocorra noutra NP presumivelmente céltico, **tařtabi(e?)** (Campmajo & Untermann, 1990, pp. 74, 75, 77, 1993, pp. 511, 519) < **Tartabios*. No entanto, continuamos a ter por mais plausível a interpretação da sequência **tařtabiegi** como NP ibérico trimembre: **tař-tabiegi** (Faria, 2007a, p. 178, 2007b, p. 225), não sendo, por outro lado, de excluir a hipótese de **egi** corresponder a uma forma verbal (Orduña, 2010, p. 331).

Ao arrepio da nossa postura anterior, não cremos que seja segura a identificação de **tolo** como segmento onomástico ibérico. Tão-pouco vislumbramos qualquer relação de **tolo** com **toloř** (*MLH* III 2, p. 60), outro segmento de existência duvidosa, somente identificado na sequência **bařdařtolořilduřsu** (C.17.1), ultimamente analisada como **bařdař-toloř # ilduř-su[ř]** por Moncunill (2010, p. 59). Ainda que de aceitação mais problemática, há, porém, pelo menos duas análises susceptíveis de ser apresentadas em alternativa a esta: **bařd-ařto-loř # ilduř-su** ou **bařd-ařto # loř-ilduř-su**. Em contrapartida, a ocorrência de **tar** como primeiro membro de compostos onomásticos ibéricos, nomeadamente nos NNP **tarbelior** (Faria, 2008 [2009], p. 64; segundo Ferrer, 2005 [2006], p. 963, trata-se de um NL) e **tarberon** (Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46), não é, quanto a nós, questionável. De qualquer modo, o NE *Tarbelli*, que Ferrer (2005 [2006], p. 963) relaciona com **tarbelior**, tanto pode pertencer à onomástica céltica como à ibérica/paleobasca (Gorrochategui, 2005, p. 167).

Independentemente dos idiomas pré-latinos envolvidos, a ocorrência em diversos nomes próprios peninsulares dos elementos **oco** (*u.g. ocobilos*), **ořař** (*u.g. anaiořař*) e **tol** (*u.g. TOLE*) deixa entrever a hipótese de **bařtolo**, **Labitolosa*, *Tolobi*, **toloco/tolocu**/TOLOCO, *Tolosa* e **tolořař** admitirem como segmentações alternativas às que entretanto foram sendo aduzidas (Faria, 1995a, p. 326, 1997, p. 111, 2000a, p. 133, 2002a, p. 129, 2003a, pp. 222–223, 2003b, pp. 313–314, 2004a, p. 310, 2008b [2009b], p. 147; Moret, 1996, pp. 11–22, 2002, pp. 96–99), **bař-tol-o** (Velaza, 2011a, p. 569), **Labi-tol-osa* (De Hoz, 2005, p. 184; Rizos, 2006 [2008], pp. 161–163), *Tol-obi* (Villar, 2000, pp. 125, 151; Bascuas, 2006, pp. 163–164), **tol-oco/tol-ocu**/TOL-OCO, *Tol-osa* (De Hoz, 2005, p. 184; *DNLF*, p. 538) e **tol-ořař**. De qualquer modo, sem embargo da respectiva segmentação, não deverá ser fortuita a semelhança que *Tolosa* guarda com **tolořař**. Este NP deve ter dado origem a *Tolosario*, de significativa atestação na Catalunha medieval (*RAC* I, p. 43; Moret, 2002, p. 95 e n. 85), não havendo, por conseguinte, necessidade de o associar a imigrantes procedentes de *Tolosa* (Toulouse) (Faria, 2003a, p. 223). Talvez haja que considerar *Tolosa* como uma adaptação à primeira declinação latina de um NL, que podia ser homónimo do NP **tolořař**, de extracção total ou parcialmente ibérica. Já a interpretação de *Tolosa* como NL exclusivamente latino, alvitada por Bascuas (2006, p. 167), não pode deixar de nos surpreender, até porque uma tal solução jamais poderia aplicar-se a **Labitolosa*, NL que parece ter derivado daquele. De resto, a aposição do sufixo *-ōsa* a NNL formados por radicais de filiação indígena encontra-se bem testemunhada: *Dertosa*, *Egosa*, *Libisosa*, *Metercosa* e *Succosa* (Gorrochategui, 2005, pp. 163, 164; De Hoz, 2005, p. 184; Curchin, 2008, pp. 23–25). Este fenómeno fragiliza irremediavelmente a hipótese de o dito sufixo se identificar com o latino adjectival *-ōso-*, *-a*, de valor abundancial, introduzido no espaço peninsular após a conquista romana (*contra*, Bascuas, 2006, p. 167). A dispersão geográfica dos testemunhos sugere, em todo o caso, que tal sufixo possui mais do que uma origem linguística (naturalmente pré-latina), e não apenas uma, tal como parece

deprender-se das declarações de Blasco (2011, p. 75), que, de preferência a considerá-lo um sufixo, faz derivar o lexema *osa* de uma raiz hidronímica paleo-europeia com o significado de ‘nascente’. Do mesmo modo, a documentação antroponímia hispânica (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 658–659) deixa entrever a utilização do sufixo *-oso-*, *-osa* em mais do que um idioma falado na Hispânia pré-romana.

Retomando a abordagem a **tartoloicetabañi**, uma vez descartada qualquer conexão com o NL $\Delta\alpha\mu\alpha\nu\acute{\iota}\alpha$ (Ptol. 2.6.62) < **damaniu** < **dabaniu** (Quintanilla, 1998, p. 195) em virtude da oposição de sonoridade entre ambas as oclusivas dentais, caso não se trate de um forma verbal, **tabañi**, o segmento com que finaliza a sequência em apreço, poderá consistir num segundo NP (patrónimo?), talvez correspondente ao céltico TABANONI (dat.) < <http://www.ubi-erat-lupa.org/site/datenblatt/datenblatt.asp?Nr=1889> >.

TINDILICVM. Tábua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). Fatás, 1980, p. 99.

Independentemente das especulações de cariz etimológico que têm recaído sobre este NF (Prósper, 2005, p. 209), à exceção de TINDAE (dat.) (Delamarre, 2007, p. 182), não foram até hoje encontrados para o mesmo quaisquer nomes próprios que pudessem servir de *comparanda*. A título de mera hipótese, atrevemo-nos agora a alvitrar como paralelo o elemento final do presumível NP céltico **CiriTuTinTil** (HEp 15, 172) < **Critutindilos*, que nos recorda determinados NNP principiadados pela base *crito-* (Delamarre, DLG, pp. 129–130, 2007, p. 218). Não menos remota será a transliteração **CariTuTinTil**, a despeito de a distribuição de CARIDVS e CARIDIANVS (OPEL 2, p. 379), ambos de raríssima atestação, não inviabilizar uma associação de **Caridutindilos* à onomástica céltica. Admitimos, porém, que tanto **CiriTuTinTil** como **CariTuTinTil** configuram transliterações bastante arrojadas, pelo que talvez se justifique abandoná-las em favor de **CiriTuenen**/**CiriTueneCa**. Estas duas transliterações permitem que isolemos outras tantas bases onomásticas célticas continentais: a já citada *crito-* e *ueni-* (Delamarre, DLG, p. 313, 2007, pp. 235–236), resultando tal opção na individualização de um NP céltico, **Critu(u)enos* (iberizado em **Cirituene*), que parece subjazer a CRITOVENNVS (OPEL 2, p. 86; *contra*, Raybould & Sims-Williams, 2009, p. 28). Cabe, todavia, em alternativa, interpretar **Crituenos*, não como um composto, mas como um derivado de *crito-* por sufixação de *-eno-* (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 609–613). **TiriTuenen** e **TiriTueneCa** constituem igualmente transliterações plausíveis, tendo esta última sido adoptada na *editio princeps* da placa de chumbo em que tal sequência ocorre (Pachón, Fuentes & Hinojosa, 2004, p. 176). A confirmar-se qualquer destas transliterações, estaríamos perante um NP céltico (composto ou derivado), **Trituenos* (iberizado em **tirituene*), em cuja formação entraria a base onomástica (de origem numérica) *trito-* (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 432–436; Delamarre, DLG, p. 303, 2007, p. 234).

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- AE = *L'Année Épigraphique*. Paris.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) - *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AQUILUÉ ABADÍAS, Xavier; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) [2002] - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 277–289.
- ARTIGUES I CONESA, Pere Lluís; CODINA I REINA, Dolores; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2007) [2008] - Un colgante ibérico hallado en Can Gambús. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 239–250.

- ASENSIO ESTEBAN, José Ángel (1995) - *La ciudad en el mundo prerromano en Aragón*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Caesaraugusta*. Zaragoza. 70)
- AZNAR MARTÍNEZ, Eduardo (2011) - *El euskera el La Rioja*. Pamplona: Pamiela.
- BÄHR, Gerhard (1948) - Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4-5, pp. 381-455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2001) - Fono(tipo)logía de las (con)sonantes (celt)ibéricas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 287-303.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2008) - Del latín [ibérico] al romance [catalán]. In *Del llatí al romanç, com bem emplenat el buit?: III Jornada de l'Associació d'Amics del Professor Antoni M. Badia i Margarit (Barcelona, 17 de maig de 2007)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 61-95.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2009) - Avión y otras volanderas notas arqueoibéricas. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 13-44.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2010a) - *Vrbiaca* ¿una ibérica 'confluencia'? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 10, pp. 137-168.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2010b) - Avieno (Or. 480) y el río Hibernico Sic (sic). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 491-502.
- BARRANDON, Nathalie (2006) [2008] - L'affirmation des élites indigènes en Hispanie septentrionale à l'époque républicaine. *Salduie*. Zaragoza. 6, pp. 161-183.
- BARRANDON, Nathalie (2011) - *De la pacification à l'intégration des Hispaniques (133-27 a.C.)*. Pessac: Ausonius.
- BASCUAS LÓPEZ, Edelmiro (2006) - *Hidronimia y léxico de origen paleoeuropeo en Galicia*. Sada, A Coruña: Edición do Castro.
- BATS, Michel (2011) - Emmèlements de langues et de systèmes graphiques en Gaule méridionale (VI^e-Ier siècle av. J.-C.). In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. - *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 197-226.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1986) - Epigrafía y onomástica de las Cinco Villas. In *Actas de las I Jornadas de Estudio sobre las Cinco Villas (Ejea, diciembre 1985)*. Zaragoza: Centro de Estudios de las Cinco Villas, pp. 53-93.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993a) - Un nuevo antropónimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, pp. 843-858.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993b) - La epigrafía como índice de aculturación en el valle medio del Ebro (s. II a.e. - III d.e.). In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 235-272.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2011a) - ¿Firmas de artesano o sedes de asociaciones comerciales? A propósito de los epígrafes musivos de Caminreal (E.7.1), Andelo (K.28.1) y El Burgo de Ebro (*HEp* 11, 2001, 621 = *AE* 2001, 1237). In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 139-147.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2011b) - Lengua e identidad en la Hispania romana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 11, pp. 19-59.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; VELAZA FRÍAS, Javier (2009) - De etnias y monedas: las 'cecas vasconas', una revisión crítica. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la Antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 99-126.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1956) - Las monedas antiguas de Zaragoza. *Numisma*. Madrid. 6:20, pp. 9-40.
- BELTRÁN VILLAGRASA, Pío (1942) - *Sobre un interesante vaso escrito de San Miguel de Liria*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica.
- BILLY, Pierre-Henri (1993) - *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.
- BIRLEY, Anthony R. (2011) - Names new and old from recent excavations at Vindolanda. In DONDIN-PAYRE, Monique, ed. - *Les noms de personnes dans l'Empire romain*. Pessac: Ausonius, pp. 263-274.
- BLASCO FERRER, Eduardo (2009-2010) [2011] - *Ili / *Nur y Cerecotes*: dos notas críticas sobre onomástica y reconstrucción de prelenguas. *Revista de Filología Asturiana*. Uviéu. 9-10, pp. 131-159.
- BLASCO FERRER, Eduardo (2011) - A new approach to the mediterranean substratum, with an appendix of Paleo-Sardinian microtoponyms. *Romance Philology*. Turnhout. 65:1, pp. 43-85.
- BONET ROSADO, Helena; MATA PARREÑO, Consuelo (1989) - Nuevos grafitos e inscripciones ibéricas valencianos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, pp. 131-148.
- BOWMAN, Alan K.; THOMAS, John David; TOMLIN, Roger S. O. (2010) - The Vindolanda writing-tablets (*Tabulae Vindolandenses* IV, part 1). *Britannia*. London. 41, pp. 187-224.
- CAMAÑES VILLAGRASA, María Pilar; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; PADRÓS GÓMEZ, Carles; PRINCIPAL I PONCE, Jordi; VELAZA FRÍAS, Javier (2010) - Un nuevo plomo ibérico escrito de Monteró 1. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 233-247.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) - Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 249-274.

- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1990) - Nouvelles découvertes de graffiti ibériques en Cerdagne: les apports de la culture ibérique en Cerdagne: données contradictoires. In *La Romanització del Pirineu: homenatge al Prof. Dr. Miquel Tarradell i Mateu: 8è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, del 8 a l'11 de desembre de 1988*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 69-78.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499-520.
- CANTO Y DE GREGORIO, Alicia María (2003) - Las reglas del juego de la citación científica. A propósito de *remissis cenis publicis, sacerdotiae iuniores*, Silvano, *CIL II*², y las *matres sacrorum* de Cartago. *Faventia*. Barcelona. 25:1, pp. 155-175.
- CARO BAROJA, Julio (1943) - Observaciones sobre la hipótesis del vascoiberismo considerada desde el punto de vista histórico (conclusión). II (materiales epigráficos). *Emerita*. Madrid. 11:1, pp. 1-59.
- CARO BAROJA, Julio (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26, pp. 197-243.
- CARO BAROJA, Julio (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, ed. - *Historia de España, I: España prerromana, II: etnología de los pueblos de Hispania*. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 678-812.
- CARO BAROJA, Julio (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Txertoa.
- CARO BAROJA, Julio (1988) - *Sobre la lengua vasca y el vasco-iberismo*. 3.^a ed. (1979¹). San Sebastián: Txertoa.
- CASARIEGO CÓRDOBA, Antón; CORES URÍA, Gonzalo; PLIEGO HERRERA, Francisco (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CIL I*² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II* = HÜBNER, Emil (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II Suppl.* = HÜBNER, Emil (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II*²/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II*²/5). Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS SOLÁ, Monserrat; PADRÓS MARTÍ, Pepita; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORELL VICENT, Josep (2005) - *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L'Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- CORELL VICENT, Josep (2008) - *Inscripcions romanes del País Valencià, IV. Edeta i el seu territori*. València: Universitat.
- CORELL VICENT, Josep (2009) - *Inscripcions romanes del País Valencià, V. Valentia i el seu territori. Nova edició corregida i augmentada*. València: Universitat.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. Napoli. 14, pp. 253-291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101-116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 375-396.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 305-318.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2004) - Los semisilabarios ibéricos: algunas cuestiones. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 5, pp. 75-98.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2008) - Crónica epigráfica del Sudeste I. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 281-293.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009a) - Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTI-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273-295.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009b) - Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del Sudoeste o tartesia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 295-307.

- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2011) - *Curunniacum* y cluniego. In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 169–173.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2011) - La leyenda indígena de las monedas de *Salacia* y el grafito de Abul (Alcácer do Sal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. - *Lucius Cornelius Bocchus escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Colóquio Internacional de Tróia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 103–112.
- CURCHIN, Leonard A. (2008) - Place-names of the Ebro Valley: their linguistic origins. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 13–33.
- CURCHIN, Leonard A. (2009) - Toponimia antigua de Contestania y Edetania. *Lucentum*. Alicante. 28, pp. 69–74.
- CURCHIN, Leonard A. (2010) - Toponimia antigua de Oretania y Bastitania. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*. Jaén. 201, pp. 11–25.
- DCCP-N = FALILEYEV, Alexander; GOHIL, Ashwin E.; WARD, Naomi (2010) - *Dictionary of Continental Celtic place-names: a Celtic companion to the Barrington atlas of the Greek and Roman World*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2001) - Grafemica e fonologia del celtiberico: 1. Nuovi dati sulle vocale mute; 2. Una nuova legge fonética che genera dittonghi; 3. Fonti e fasi di sviluppo della sibilante sonora. In VILLAR, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 318–334.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2009) [2010] - El nombre *-z*céltico? - de la *Pintia* vaccea. *Boletín del Seminario de Estudios de Arqueología*. Valladolid. 75, pp. 243–256.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2010) - Method in the analysis of Romano-Celtic theonymic materials: improved readings and etymological interpretations. In ARENAS ESTEBAN, Jesús Alberto, ed. - *Celtic religion across space and time. IX Workshop F.E.R.C.AN Fontes Epigraphici Religionum Celticarum Antiquarum*. Albacete: Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, pp. 19–27.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2011a) - *Callaeci, Anabaraecus, Abienus, Tritecum, Berobriaecus* and the new velar suffixes of the types *-ViK-* and *-(y)eK-*. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. - *'Αντίδοπον: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 175–193.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2011b) - Celtic and beyond: genitives and ablatives in Celtiberian, Lepontic, Goidelic, Gaulish and Indo-European. In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 149–168.
- DEGAVRE, Jean (1998) - *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d'Études Celtiques.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELGADO Y HERNÁNDEZ, Antonio (1876) - *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*. III. Sevilla: Antonio Izquierdo y Sobrino.
- DÍAZ ARIÑO, Borja; MÍNGUEZ MORALES, José Antonio (2009) - Un nuevo grafito ibérico procedente del yacimiento de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 435–450.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹). Paris: Errance.
- DNLF = BILLY, Pierre-Henri (2011) - *Dictionnaire des noms de lieux de la France*. Paris: Errance.
- DONDIN-PAYRE, Monique (2011) - Les éléments celtiques dans l'onomastique de Gaule centrale: romanisation et héritage indigène. In DONDIN-PAYRE, Monique, ed. - *Les noms de personnes dans l'Empire romain*. Pessac: Ausonius, pp. 235–251.
- ERTer = NAVARRO CABALLERO, Milagros (1994) - *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Bordeaux: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- ESPINOSA RUIZ, Urbano; USERO, Luis M. (1998) - Eine Hirtenkultur im Umbruch: Untersuchungen zu einer Gruppe von Inschriften aus dem conventus Caesaraugustanus (Hispania Citerior). *Chiron*. München. 18, pp. 477–504.
- EVANS, David Ellis (1967) - *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FALILEYEV, Alexander (2007) - *Celtic Dacia: personal names, place-names and ethnic names of Celtic origin in Dacia and Scythia Minor*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- FARIA, António Marques de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismatica*. Lisboa. 47, pp. 24–28.
- FARIA, António Marques de (1988) - Algumas considerações a propósito do “Álbum de la antigua colección Sánchez de la Cotera de moneda ibero-romana (Madrid, 1986)”. *Numismatica*. Lisboa. 48, pp. 7–9.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187–197.

- FARIA, António Marques de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992a) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992b) - [Recensão de] VELAZA, Javier - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1993b) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: from the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 140–146.
- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1996b) - [Recensão de] *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 227–234.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998) - [Recensão de] QUINTANILLA, A. - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1999a) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) - [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Curs d'Historia Monetaria d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibérica. II Curs d'Historia monetaria d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 273–281.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2001b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) - [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana;1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2005c) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2006b) - Sobre uma nova legenda monetária ibérica: *leumi* ou *laBini?* *Al-madan*. Almada. Adenda electrónica. 14. < <http://www.almadan.publ.pt/14ADENDAIX.pdf> >
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187.

- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209-238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 57-102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 145-158.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 157-175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 89-106.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorrita, Zaragoza) II*. Tabula Contrebiensis. Zaragoza: Universidad.
- FERNÁNDEZ PALACIOS, Fernando (2010) - Casos y cosas peninsulares relacionadas con la denominada onomástica «vasco-aquitana». *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 363-378.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 957-982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibéric **kaštaun**: un element característic del lèxic sobre torteres. *Cypselà*. Girona. 17, pp. 253-271.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] - El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 69-113.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÉS I ESTALLÓ, Ignasi; GONZÁLEZ PÉREZ, Joan Ramon; PRINCIPAL I PONCE, Jordi; RODRÍGUEZ I DUQUE, Josep Ignasi (2009) [2010] - Els materials arqueològics i epigràfics de Monteró (Camarasa, la Noguera, Lleida): troballes anteriors a les excavacions de l'any 2002. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 27, pp. 109-154.
- FERRER MAESTRO, Juan José (2010) [2011] - Qart-Alya, el topónimo púnic de *Saguntum*. *Mainake*. Málaga. 32:1, pp. 559-569.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1972) - Nuevas inscripciones ibéricas de la región valenciana. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 13, pp. 103-126.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1974) - Orley I y II, plomos ibéricos escritos. In *Homenaje a D. Pío Beltrán*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Instituto Español de Arqueología; Zaragoza: Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Zaragoza, pp. 121-130.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1984) - Un plomo ibérico de la comarca de Enguera (Valencia). *Arse*. Sagunto. 19, pp. 404-414.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1985) - *Textos ibéricos del Museo de Prehistoria de Valencia*. Valencia: Diputación Provincial.
- FLETCHER VALLS, Domingo; BONET ROSADO, Helena (1991-1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7-8, pp. 143-150.
- GALMÉS DE FUENTES, Álvaro (2000) - *Los topónimos: sus blasones y trofeos (la toponimia mítica)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetario*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier (1999) - *Toponimia mayor de la Tierra de Talavera*. Talavera de la Reina: Ayuntamiento.
- GÓMEZ FRAILE, José María (1997) - La Geografía de la Hispania Citerior en C. Tolomeo: análisis de sus elementos descriptivos y aproximación a su proceso de elaboración. *Polis*. Alcalá de Henares. 9, pp. 183-247.
- GÓMEZ FRAILE, José María (2001) [2002] - Reflexiones críticas en torno al antiguo ordenamiento étnico de la Península Ibérica. *Polis*. Alcalá de Henares. 13, pp. 69-98.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ-PANTOJA RODRÍGUEZ-SALGUERO, Joaquín L.; ALFARO PEÑA, Eduardo (2001) - Indigenismo y romanización en las tierras altas de Soria. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 169-187.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2000) - Ptolemy's Aquitania and the Ebro Valley. In PARSONS, David N.; SIMS-WILLIAMS, Patrick, eds. - *Ptolemy: towards a linguistic atlas of the earliest Celtic place-names of Europe*. Aberystwyth: CMCS, pp. 143-157.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2005) - Establishment and analysis of the Celtic toponyms in Aquitania and the Pyrenees. In DE HOZ BRAVO, Javier; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; SIMS-WILLIAMS, Patrick, eds. - *New approaches to Celtic place-names in Ptolemy's Geography*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 153-172.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2006) - Onomástica vascónica y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, pp. 111-134.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2009) - Vasco antiguo: algunas cuestiones de geografía e historia lingüísticas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 539-555.

- HERNÁNDEZ PÉREZ, Ricardo (2000) - El epitafio poético de Cornelia Sirasteiun (Alcañiz, Teruel). Nueva lectura e interpretación. *Studia Philologica. Valentina*. Valencia. 4, pp. 279–290.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30–31, pp. 299–323.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1981a) - El euskera y las lenguas vecinas antes de la romanización. In *Euskal linguistika eta literatura: Bide berriak*. Bilbao: Universidad de Deusto, pp. 27–56.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1981b) - Algunas precisiones sobre textos metrológicos ibéricos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 16, pp. 475–486.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 330–338.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995a) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT BUSQUETS, Jaume; VIVES I BALMAÑA, Elisenda, eds. - *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, pp. 271–297.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995b) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, Addolorata, ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4–5–6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, pp. 11–44.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2001) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 335–362.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2002) [2003] - El complejo sufijal *-(e)skēn* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 159–168.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2005) - Ptolemy and the linguistic history of Narbonensis. In DE HOZ BRAVO, Javier; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; SIMS-WILLIAMS, Patrick, eds. - *New approaches to Celtic place-names in Ptolemy's Geography*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 173–188.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2005) [2006] - Epigrafías y lenguas en contacto en la Hispania antigua. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 57–97.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2007) - Cerámica y epigrafía paleohispánica de fecha prerromana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 80, pp. 29–42.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010) - *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011a) - Lengua y escritura. In BONET ROSADO, Helena; VIVES-FERRÁNDIZ SÁNCHEZ, Jaime, eds. - *La Bastida de les Alcusses 1928–2010*. València: Museu de Prehistòria de València, pp. 221–237.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011b) - Polibio, los edetanos y algunos problemas onomásticos. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. - *Αἰτιολογία: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 207–214.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011c) - Las funciones de la lengua ibérica como lengua vehicular. In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. - *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 27–64.
- JACOB, Pierre (1986) - À propos des toponymes *Callet, Ceret, Osset*. *Emerita*. Madrid. 54, pp. 275–280.
- JIMENO ARANGUREN, Roldán; TOBALINA ORAÁ, Eva; VELAZA FRÍAS, Javier (1998) - Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*. Faenza. 60, pp. 290–294.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) - *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2008) - El valle medio del Ebro como zona de contacto lingüístico de las lenguas paleohispánicas. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 38:1, pp. 5–31.
- KOCH, John T. (2009) - A case for Tartessian as a Celtic language. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 339–351.
- LACROIX, Jacques (2007) - *Les noms d'origine gauloise: la Gaule des dieux*. Paris: Errance.
- LEJEUNE, Michel (1955) - *Celtiberica*. Salamanca: Universidad.
- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19–59.
- LLORENS FORCADA, María del Mar (1987) - *La ceca de Ilici*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- LONGPÉRIER, Adrien de (1864) - Sur l'origine et l'usage de l'écriture hébraïque carrée. *Comptes-Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Paris. 8^e année, pp. 270–271.
- LÓPEZ FERNÁNDEZ, Aránzazu (2010) - El reencuentro de dos grafitos: G.9.5 y «El Olvidado». *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 275–287.
- LÓPEZ SÁNCHEZ, Fernando (2010) [2011] - Dracmas ampuritanas y marsellesas acuñadas para Cartago (218–211/209 a.C.). *Mainake*. Málaga. 32:1, pp. 601–617.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49–88.

- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2010) - Las inscripciones musivas ibéricas del valle medio del Ebro: una hipótesis lingüística. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 289–301.
- MARCOS, Susana (2011) - Espace géographique, espace politique: la frontière provinciale lusitanienne, une limite déterminante? In CABALLOS RUFINO, Antonio; LEFEBVRE, Sabine, eds. - *Roma generadora de identidades: la experiencia hispana*. Madrid: Casa de Velázquez; Sevilla: Universidad, pp. 171–184.
- MARTINET, André (1955) - *Economie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*. Berne: A. Francke.
- MARTÍNEZ SÁENZ DE JUBERA, Martín; GONZÁLEZ PERUJO, José María (1998) - Onomástica vasca en la Rioja. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 79, pp. 475–496.
- MALKIN, Irad (2011) - *A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean*. New York, NY: Oxford University Press.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) - *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MAYER, Marcos; ABÁSULO, José Antonio (1997) - Inscripciones latinas. In CORCHÓN RODRÍGUEZ, María Soledad, ed. - *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 185–259.
- MEID, Wolfgang (2005) - *Keltische Personennamen in Pannonien*. Budapest: Archaeolingua.
- MEZQUÍRIZ IRUJO, María Ángeles (1991–1992) - Pavimento de “opus signinum” con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, pp. 365–367.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V I: Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) - *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MORALEJO ÁLVAREZ, Juan José (2008) - *Callaica nomina: estudios de onomástica gallega*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- MORET, Pierre (1996) - Le nom de Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 44, pp. 7–23.
- MORET, Pierre (2002) - Le nom de Toulouse. In PAILLER, Jean-Marie, ed. - *Tolosa. Nouvelles recherches sur Toulouse et son territoire dans l'Antiquité*. Rome: École Française de Rome, pp. 93–99.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros (2011) - Grupo, cultura y territorio: referencias onomásticas «identitarias» de los celtiberos y de los restantes pueblos del norte de la Citerior. In CABALLOS RUFINO, Antonio; LEFEBVRE, Sabine, eds. - *Roma generadora de identidades: la experiencia hispana*. Madrid: Casa de Velázquez; Sevilla: Universidad, pp. 107–140.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros; GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín; VALLEJO RUIZ, José María (2011) - L'ononastique des Celtibères; de la dénomination indigène à la dénomination romaine. In DONDIN-PAYRE, Monique, ed. - *Les noms de personnes dans l'Empire romain*. Pessac: Ausonius, pp. 88–175.
- OLCOZ YANGUAS, Serafin; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio; MEDRANO MARQUÉS, Manuel (2010) - Grafitos paleohispánicos de Borja (Zaragoza) y del somontano del Moncayo. *Cuadernos de Estudios Borjanos*. Borja. 53, pp. 13–29.
- OPEL 1² = LÓRINCZ, Barnabás (2005) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum I: Aba – Bysanus. Editio nova aucta et emendata*. Budapest: Martin Opitz Kiadó.
- OPEL 2 = LÓRINCZ, Barnabás (2000) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum II: Cabalicius – Ixus*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2006) - *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero*. Madrid: UNED < <http://iespontdesuert.xtec.cat/tesis.pdf> >.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2010) - En torno al lexema ibérico eki- y sus variantes. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 319–334.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) - Prefijos y clíticos en ibérico. *Estudios de Lengua y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 11, pp. 131–151.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PACHÓN ROMERO Juan A.; FUENTES VÁZQUEZ, Tadea; HINOJOSA PAREJA, Antonio R. (2004) - Plomo con leyenda ibérica de Los Allosos, Montejícar (Granada). *Habis*. Sevilla. 35, pp. 151–177.

- PALOMAR LAPESA, Manuel (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (1993) - Nuevas inscripciones ibéricas de Cataluña. *Complutum*. Madrid. 4, pp. 175–222.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 511–540.
- PENA GIMENO, María José (2002) - *CLE* republicanos: texto y contexto. In DEL HOYO, Javier; GÓMEZ PALLARÉS, Joan, eds. - *ASTA AC PELLEGE: 50 años de la publicación de Inscripciones Hispánicas en Verso, de S. Mariner*. Madrid: Signifer Libros, pp. 47–62.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993a) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, pp. 61–67.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993b) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, pp. 221–229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) - Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ ROJAS, Manuel (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la “celtización” del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad, pp. 139–266.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) - Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351–360.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1999) - Vacceos en guerra (220–29 a.C.). In ALONSO ÁVILA, Ángeles; CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, Santos; GARABITO GÓMEZ, Tomás; SOLOVERA SAN JUAN, María Esther, eds. - *Homenaje al Profesor Montenegro: estudios de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, pp. 223–241.
- PÉREZ VILATELA, Luciano; SILGO GAUCHE, Luis (1990) - Sagunto, en un documento griego del siglo V a.C. *Arse*. Sagunto. 25, pp. 921–927.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2007) - *Estudio lingüístico del plomo celtibérico de Iniesta*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2008) - *El bronce celtibérico de Botorrita I*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2010) - El topónimo hispano-celta BLETISAMA: una aproximación desde la lingüística. In SASTRE PRATS, Inés; BELTRÁN ORTEGA, Alejandro, eds. - *El bronce de El Picón (Pino del Oro): procesos de cambio en el Occidente de Hispania*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 217–223.
- QUETGLAS I NICOLAU, Pere Joan, ed. (2005) - *Guerra civil / Julio César: Guerra de Alejandría. Guerra de África. Guerra de Hispania / autores del cuerpo cesariano*. Madrid: Gredos.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAC I = BOLÒS I MASCLANS, Jordi; MORAN I OCERINJAUREGUI, Josep (1994) - *Repertori d'antropònims catalans (RAC), I*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- RAYBOULD, Marilynne E.; SIMS-WILLIAMS, Patrick (2009) - *Introduction and supplement to the corpus of Latin inscriptions of the Roman Empire containing Celtic personal names*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2005) - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- RIZOS JIMÉNEZ, Carlos Ángel (2006) [2008] - La antroponimia latina (¿romana?) en la Ribagorza a la luz de la toponimia. *Alazet*. Huesca. 18, pp. 159–170.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, pp. 43–57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibera. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 15–50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, pp. 13–144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005–2006) [2009] - Observaciones sobre algunas inscripciones ibéricas. *Kalathos*. Teruel. 24–25, pp. 461–473.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2006) [2007] - Sobre la identificación de la ceca ibérica de Lamini(um). *Acta Numismática*. Barcelona. 36, pp. 55–61.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] - Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75–114.

- RUBIO ORECILLA, Francisco J. (2004) - La tésera celtibérica de Sasamón (K.14.1). *Emerita*. Madrid. 72:1, pp. 121–153.
- RUBIO ORECILLA, Francisco J. (2006) - Keltisch *kono- in hispano-keltischen Personennamen. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 41:4, pp. 399–410.
- RUIZ DARASSE, Coline (2010) - Les Ibères en Languedoc: l'onomastique celtique d'Ensérune en écriture paléohispanique. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 335–354.
- SANTIAGO ÁLVAREZ, Rosa-Araceli (1990) - En torno a los nombres antiguos de Sagunto. *Saguntum*. Valencia. 25, pp. 123–140.
- SCHMIDT, Karl Horst (2010) - How to define Celtiberian archaisms? *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 479–487.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (2008) - Turiasu y Bursau ¿Celtibéricas o ibéricas?. *Arse*. Sagunto. 42, pp. 19–26.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] - La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis; TOLOSA LEAL, Antonio (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, pp. 39–44.
- SOLIER, Yves (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55–123.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 61–94.
- SOLIN, Heikki (2007) - Mobilità socio-geografica nell'impero romano: orientali in Occidente: considerazioni isagogiche. In MAYER I OLIVÉ, Marc; BARATTA, Giulia; GUZMÁN ALMAGRO, Alexandra, eds. - *Acta XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae: Provinciae Imperii Romani inscriptionibus descriptae: Barcelona, 3–8 Septembris 2002*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 1363–1379.
- STÜBER, Karin (2007) - Effects of language contact on Roman and Gaulish personal names. In TRISTRAM, Hildegard L. C., ed. - *The Celtic languages in contact: papers from the workshop within the framework of the XIII International Congress of Celtic Studies, Bonn, 26–27 July 2007*. Potsdam: Universitätsverlag, pp. 81–92.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1949) - *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas*. Buenos Aires: Universidad.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1961) - *The ancient languages of Spain and Portugal*. New York: S. F. Vanni.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1979) - Notas lingüísticas sobre monedas ibéricas. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 473–489.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1985) - Sobre las palabras «vascones» y «eusquera». In *Homenaje a Ángel Irigaray*. Donostia-San Sebastián: Eusko Ikaskuntza, pp. 247–256.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) - *The History of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UNTERMANN, Jürgen (1969) - Lengua gala y lengua ibérica en la Galia Narbonensis. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 12, pp. 99–161.
- UNTERMANN, Jürgen (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 41–67.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1994–1995) [1997] - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. Sagunto. 28–29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], pp. 135–145.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) - Puplipor. Römische Sklavennamen in Contrebia Belsa. In ROLLE, Renate; SCHMIDT, Karin; DOCTER, Roald F., eds. - *Archäologische Studien in Kontaktzonen der antiken Welt*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, pp. 645–654.
- UNTERMANN, Jürgen (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 107–110.
- UNTERMANN, Jürgen (2010) - La aportación de la toponimia a la definición de las lenguas ibérica y tartesia. In CARRASCO SERRANO, Gregorio; OLIVA MOMPEÁN, Juan Carlos, eds. - *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 333–359.
- UNTERMANN, Jürgen (2011a) - Palabras compuestas ibéricas y tartesias del campo semántico de “ciudad”. In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 285–293.

- UNTERMANN, Jürgen (2011b) - Hispano-keltische Steigerungsformen. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. - *Αντίδοροι: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 545-556.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) [2006] - La composición en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 99-134.
- VALLEJO RUIZ, José María (2008) - El género en la antroponimia antigua. Algunas consideraciones galas e hispanas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 143-163.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José, ed. (1946) - *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto "Antonio de Nebrija".
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2003) [2004] - La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, pp. 179-192.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2009) - Epigrafía y literacy paleohispánica en territorio vascón: notas para un balance provisional. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 611-622.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2010) [2011] - El nombre antiguo de Cascante. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 135-139.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011a) - El elemento -o en la formación de topónimos del área lingüística ibérica. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. - *Αντίδοροι: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 567-572.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011b) - Los contactos lingüísticos en la Hispania prerromana y romana: cuestiones conceptuales y metodológicas. In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. - *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 89-100.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011c) - Cuestiones de morfología verbal en ibérico. In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 296-304.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1991) - La Caridad (Caminreal, Teruel). In *La casa urbana hispanorromana (Zaragoza, 16 al 18 de noviembre de 1988)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 81-129.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) - Las inscripciones de la "casa de Likine". In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 747-772.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2002) - El topónimo de la ceca *Bentia* y la lengua de los vascones. In CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, Santos; ALONSO ÁVILA, Ángeles, eds. - *Scripta antiqua in honorem Ángel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*. Valladolid: Los Coordinadores, pp. 183-194.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005a) - Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 367-514.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005b) - Topónimos y estratigrafía de las lenguas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 13-152.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2011) - Los topónimos -il del ibero y su cronología relativa. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. - *Αντίδοροι: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 573-594.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) - Apéndice I: morfología derivativa del sufijo -ko-. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos - *El IV Bronce de Botorríta (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 155-190.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María; JORDÁN CÓLERA, Carlos; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar (2011) - *Lenguas, genes y culturas en la Prehistoria de Europa y Asia suroccidental*. Salamanca: Universidad, pp. 155-190.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1979) - *Numismática antigua de Hispania*. Barcelona: Cymys.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- WIEGELS, Rainer (1985) - *Die Tribusinschriften des römischen Hispanien: ein Katalog*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- YARZA URQUIOLA, Valeriano (2010) [2011] - Posible localización de la *Otogesa* de César. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 173-190.